

FORGOTTEN REALMS®

REFÚGIO



A TRILOGIA
DO ELFO NEGRO

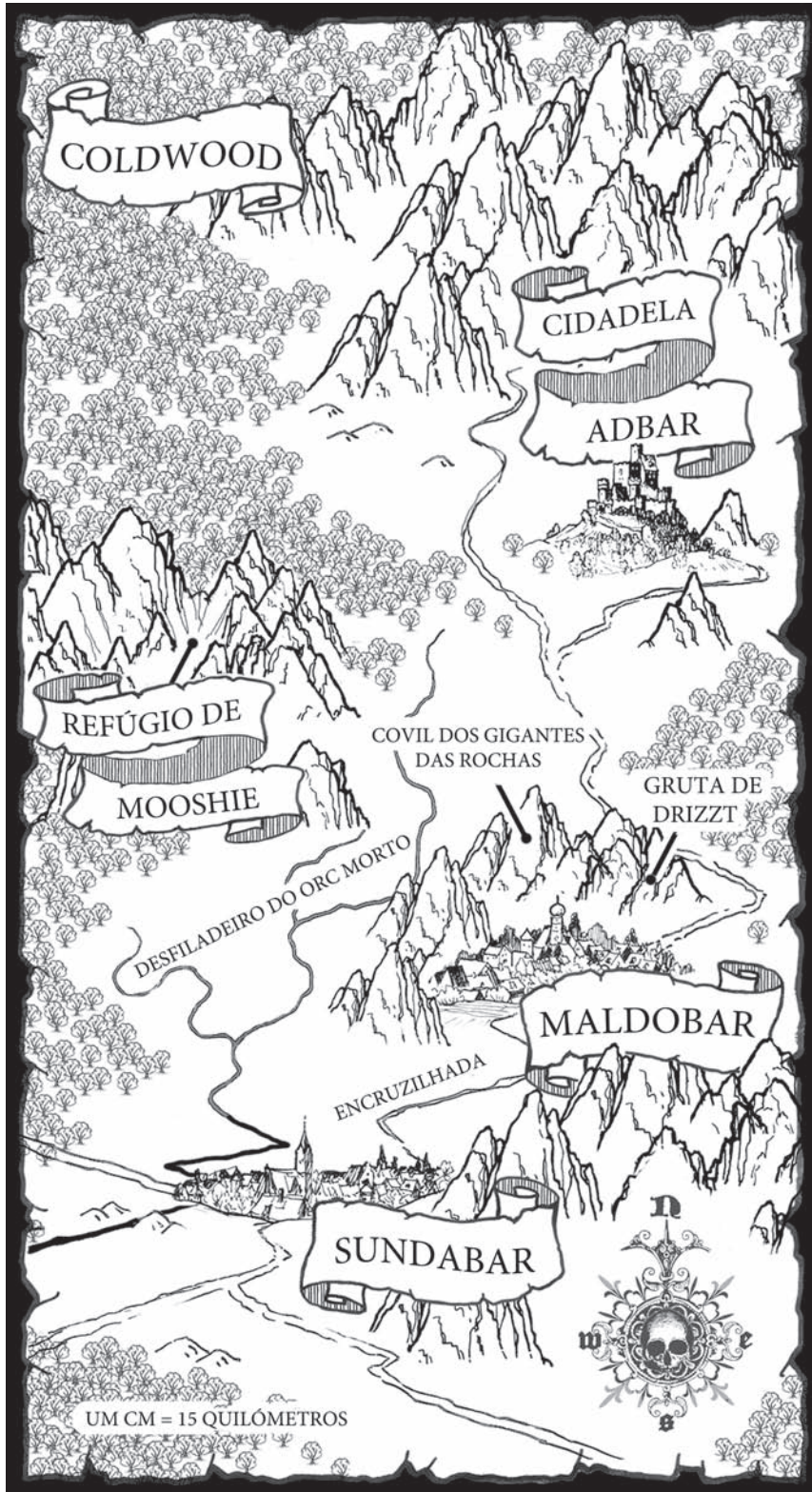
RA
SALVATORE

Tradução de Mário Matos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina





COLDWOOD

CIDADELA

ADBAR

REFÚGIO DE
MOOSHIE

COVIL DOS GIGANTES
DAS ROCHAS

GRUTA DE
DRIZZT

DEFILADEIRO DO ORC MORTO

MALDOBAR

ENCRUZILHADA

SUNDABAR

UM CM = 15 QUILOMETROS



Prelúdio

O elfo negro estava sentado na encosta da montanha desolada, observando ansiosamente enquanto a linha vermelha subia sobre o horizonte oriental. Esta seria, talvez, a sua centésima alvorada, e sabia bem o ardor que a luz crescente iria provocar-lhe nos olhos cor de alfazema — olhos que sempre tinham conhecido apenas a escuridão do Subescuro, durante mais de quatro décadas.

O drow não virou costas, porém, quando o aro superior do Sol flamejante cresceu sobre o horizonte. Aceitou a luz como o seu purgatório, como uma dor necessária se queria seguir o caminho que escolhera para se tornar uma criatura do mundo da superfície.

Fumo cinzento ondulou diante da cara de pele escura do drow. Sabia o que isso significava, mesmo sem olhar para baixo. O seu *piwafwi*, a capa mágica de drow que tantas vezes, no Subescuro, o tinha protegido de olhares inimigos, sucumbira finalmente à luz do dia. A magia da capa começara a desvanecer-se semanas antes, e o próprio tecido estava simplesmente a desfazer-se. Grandes buracos tinham aparecido no lugar de pedaços da veste que se tinham dissolvido, e o drow encolhia os braços o mais que podia para tentar resgatar o que restava.

Mas sabia que isso não faria nenhuma diferença; a capa estava condenada a desfazer-se neste mundo tão diferente daquele onde tinha sido criada. O drow agarrava-se-lhe desesperadamente, vendo-a de certa forma como uma analogia da sua própria sorte.

O Sol subiu mais alto e as lágrimas começaram a correr dos olhos se-

micerrados do drow. Já não conseguia ver o fumo; não conseguia ver nada, a não ser o brilho ofuscante daquela terrível bola de fogo. Mesmo assim, manteve-se sentado e a observar a alvorada.

Para sobreviver, tinha de se adaptar.

Empurrou o dedo grande do pé dolorosamente contra uma saliência de rocha e concentrou a atenção longe dos olhos. Pensou no que as suas botas finamente trabalhadas se tinham tornado, e sabia que também elas em breve se dissolveriam.

E a seguir? As cimitarras, talvez? Desapareceriam também aquelas armas drow magníficas que o tinham apoiado em tantas batalhas? Inconscientemente, o drow meteu uma mão na bolsa, à procura da maravilhosa estatueta, tão perfeita em todos os pormenores, que usava para convocar o felino. A solidez da estatueta tranquilizou-o nesse momento de dúvida; mas, se também ela tinha sido criada por elfos negros, imbuída da magia tão particular dos seus domínios, poderia igualmente perder Guenhwyvar em breve?

— Que criatura desgraçada me tornei — lamentou-se o drow na sua língua nativa. Interrogou-se, não pela primeira vez, e decerto não pela última, acerca da sabedoria da sua decisão de deixar o Subescuro, de renegar o mundo da sua própria gente.

A cabeça latejava-lhe; o suor escorria-lhe para os olhos, aumentando o ardor. O Sol continuava a subir e o drow não conseguia já suportá-lo. Levantou-se e dirigiu-se para a pequena caverna que escolhera como lar; e, mais uma vez, levou uma mão distraída à estatueta da pantera.

O *piwafwi* caía-lhe dos ombros em farrapos, servindo de fraca protecção contra os ventos gélidos da montanha. Não havia ventos no Subescuro, a não ser as ligeiras correntes de ar que se erguiam dos lagos de magma, e não havia frio, a não ser no toque gélido de algum monstro não-vivo. Este mundo da superfície, que o drow conhecia havia alguns meses, mostrava muitas diferenças, muitas variáveis — e muitas vezes acreditava que seriam demasiadas.

Drizzt Do'Urden não se renderia. O Subescuro era o mundo dos seus, da sua família, e nessa escuridão nunca encontraria descanso. Seguindo as exigências dos seus princípios, atacara Lolth, a Rainha Aranha, a divindade malévola que o seu povo reverenciava acima da própria vida. Os elfos negros, a família de Drizzt, não perdoariam as suas blasfêmias, e o Subescuro não tinha buracos suficientemente fundos para fugir ao seu longo alcance.

Mesmo que Drizzt acreditasse que o Sol o dissolveria a ele também, tal como estava a dissolver-lhe as botas e o precioso *piwafwi*, mesmo que se tornasse algo quase insubstancial, como o fumo cinzento arrastado pela

brisa gelada da montanha, manteria os princípios e a dignidade, esses elementos que tinham tornado a sua vida digna de ser vivida.

Drizzt retirou o que restava da capa e atirou-a para um abismo profundo. O vento frio era cortante contra a sua testa perlada de gotas de suor, mas o drow caminhou a direito e orgulhoso, com o queixo erguido e os olhos de alfazema bem abertos.

Este era o destino que escolhera.

* * *

Ao longo da encosta de outra montanha, não muito longe dali, outra criatura observava o nascer do Sol. Também Ulgulu deixara o seu local de origem, os sujos e fumarentos labirintos que marcavam o plano de Gehenna; mas este monstro não viera de sua livre vontade. Era o destino de Ulgulu, a sua pena, crescer neste mundo até ter conquistado força suficiente para regressar a casa.

A especialidade de Ulgulu era o assassinato, alimentando-se da força vital dos mortais indefesos que o rodeavam. Estava agora prestes a atingir a maturidade: era enorme, e forte e terrível.

Cada matança deixava-o mais forte.





PARTE I
ALVORADA

Queimava-me os olhos e fazia doer cada parte do meu corpo. Destruíu o meu piwafwi e as minhas botas, roubou a magia da minha armadura e enfraqueceu as minhas leis cimitarras. Mesmo assim, todos os dias, sem falhar, lá estava eu, sentado no meu sítio, no meu banco dos réus, à espera da chegada da alvorada.

Chegava até mim todos os dias de formas paradoxais. O ardor não podia ser negado, mas também não podia desmentir a beleza do espectáculo. As cores logo antes do nascer do Sol arrebatavam a minha alma de uma forma que nenhum padrão de emanações de calor do Subescuro alguma vez poderia fazer. Inicialmente pensei que o meu fascínio se devesse à estranheza da cena, mas mesmo agora, tantos anos passados, sinto o coração bater com força perante o subtil clarear que anuncia a alvorada. Sei agora que o meu tempo debaixo do Sol — a minha penitência diária — era mais do que um mero desejo de me adaptar aos usos do mundo da superfície. O sol tornou-se o símbolo da diferença entre o Subescuro e a minha nova casa. A sociedade de que eu tinha fugido, esse mundo de acordos secretos e conspirações traiçoeiras, não poderia existir nos espaços abertos sob a luz do dia.

Este sol, apesar de toda a angústia que me trazia fisicamente, acabou por representar a minha renúncia a esse outro mundo

mais negro. Esses raios de luz reveladora reforçaram os meus princípios tão seguramente como enfraqueceram os artigos mágicos criados pelos drow.

À luz do Sol, o piwafwi, a capa defensiva que derrotava olhares penetrantes, a veste preferida de assassinos e ladrões, tornou-se apenas um pedaço esfarrapado de tecido sem valor.

— Drizzt Do'Urden



Drizzt rastejou para lá dos arbustos protectores e da pedra lisa que davam para a caverna que agora lhe servia de lar. Sabia que alguma coisa tinha passado por ali recentemente — muito recentemente. Não havia rastros visíveis, mas o odor era intenso.

Guenhwyvar andava em círculos por sobre as rochas acima da entrada da caverna. A visão da pantera dava ao drow uma certa medida de tranquilidade. Drizzt habituara-se a confiar implicitamente na pantera e sabia que o felino expulsaria quaisquer inimigos que estivessem escondidos a tentar uma emboscada. Desapareceu na entrada escura e sorriu ao ouvir Guenhwyvar descer atrás dele, vigilante.

Parou atrás de uma rocha logo à entrada, deixando que os olhos se ajustassem à escuridão. O Sol ainda brilhava, embora já começasse a descer rapidamente no céu a ocidente, mas a caverna estava muito mais escura — suficientemente escura para Drizzt deixar a visão reverter para o espectro infra-vermelho. Assim que esse ajustamento ficou completo, localizou o intruso. O brilho visível de uma fonte de calor, de uma criatura viva, emanava por detrás de uma rocha mais ao fundo na caverna. Drizzt descontraiu-se consideravelmente. Guenhwyvar estava agora apenas a alguns passos dele e, considerando o tamanho da rocha, o intruso não podia ser um animal muito grande.

Mesmo assim, Drizzt crescera no Subescuro, onde todas as criaturas vivas, independentemente do tamanho, eram temidas e consideradas perigosas. Fez sinal a Guenhwyvar para ficar em posição junto à saída e avançou acorçado para poder ver melhor o intruso.

Nunca vira um animal como aquele. Parecia semelhante a um gato, mas a cabeça era muito menor e muito mais afunilada. No total, não deveria pesar mais de uns dois ou três quilos. Esse facto, a cauda peluda e a pelagem espessa indicavam que se tratava mais de um animal oportunista do que de um predador temível. Estava agora a vasculhar um monte de comida, aparentemente inconsciente da presença do drow.

— Descontrai-te Guenhwyvar — disse Drizzt calmamente, voltando a embainhar as cimitarras. Deu um passo para diante, aproximando-se do intruso para o ver melhor, embora mantendo uma distância de precaução, para não o assustar, pensando que talvez tivesse encontrado outro companheiro. Se conseguisse ganhar a confiança daquele animal...

O pequeno animal virou-se abruptamente ao ouvir as palavras de Drizzt, com as pernas dianteiras curtas no ar e encostando-se subitamente contra a parede.

— Tem calma — disse Drizzt suavemente, desta vez para o intruso. — Não te farei mal.

Deu mais um passo e a criatura bufou e começou a andar às voltas, com as pequenas patas a bater com força no chão.

Drizzt quase se riu alto, pensando que a criatura queria empurrar-se contra a parede de pedra até desaparecer nela. Guenhwyvar aproximou-se então, e a sua súbita perturbação fez desaparecer o sorriso do rosto do drow.

A cauda do animal ergueu-se; Drizzt notou, na penumbra, que tinha uma risca branca bem definida ao longo do dorso. Guenhwyvar encolheu-se e virou-se para fugir, mas era tarde demais...

Cerca de uma hora mais tarde, Drizzt e Guenhwyvar caminhavam pelos trilhos mais inferiores da montanha, em busca de um novo lar. Tinham recolhido tudo o que fora possível recolher, embora não fosse muito. Guenhwyvar mantinha uma boa distância mais ao lado de Drizzt. A proximidade tornava o fedor ainda pior.

Drizzt aguentou tudo com estoicismo, embora o fedor do seu próprio corpo tornasse aquela lição um pouco mais pungente do que teria gostado. Não sabia o nome do pequeno animal, evidentemente, mas tinha fixado vivamente a sua aparência. Da próxima vez que encontrasse uma doninha, seria mais cuidadoso.

— Lá se vai a ideia de novos companheiros neste mundo estranho — murmurou Drizzt para consigo. Não era a primeira vez que o drow expressava estas preocupações. Sabia muito pouco acerca da superfície, e menos ainda das criaturas que ali viviam. Os seus últimos meses tinham sido passados dentro e em redor da pequena caverna, com apenas algumas expedições ocasionais até às regiões mais abaixo, e mais populosas. Aí, enquanto procurava comida, vira alguns animais, geralmente à distância, e observara

até alguns humanos. Ainda não reunira, porém, a coragem para abandonar o esconderijo e saudar os vizinhos, receando a potencial rejeição e sabendo que não tinha mais nenhum sítio para onde fugir.

O som de água a correr levou o drow e a pantera até um riacho de águas rápidas. Drizzt procurou imediatamente uma sombra protectora e começou a despir a armadura e as roupas, enquanto Guenhwyvar descia o riacho para pescar um pouco. O som da pantera a chapinhar na água fez nascer um sorriso no rosto severo do drow. Nessa noite jantariam bem.

Abriu a fivela do cinturão e deitou as armas ao lado da cota de malha. De facto, sentia-se vulnerável sem armadura e sem armas — no Subescuro, nunca as deixaria tão longe do seu alcance —, mas tinham passado muitos meses desde que precisara delas pela última vez. Olhou para as cimitarras e foi inundado pelas recordações agridoces da última vez em que as tinha usado.

Dessa vez, combatera com Zaknafein, com o seu pai e mentor, e melhor amigo. Apenas Drizzt sobrevivera ao encontro. O lendário mestre de armas desaparecera, mas o triunfo nesse combate pertencia tanto a Zaknafein como a Drizzt, pois não fora realmente Zaknafein quem viera em perseguição de Drizzt sobre a ponte de pedra acima do lago de ácido. Fora o espírito-espectro de Zaknafein, sob o controlo da sua mãe, a Matrona Malice. Esta procurara a vingança contra o filho devido à renúncia deste a Lolth e à caótica sociedade drow em geral. Drizzt passara mais de trinta anos em Menzoberranzan, mas nunca aceitara os usos malévolos e cruéis que eram a norma na cidade drow. Fora um embaraço constante para a Casa Do'Urden, apesar da sua considerável destreza com as armas. Quando fugira da cidade para viver exilado na selva do Subescuro, colocara a sua mãe e alta-sacerdotisa longe do favor de Lolth.

Assim, a Matrona Malice Do'Urden convocara o espírito-espectro de Zaknafein, o mestre de armas que sacrificara a Lolth, e enviara aquela coisa morta-viva em perseguição do filho. Porém, Malice errara nos cálculos, porque permanecera no corpo do espírito-espectro o suficiente da alma de Zaknafein para se negar a atacar Drizzt. No momento em que Zaknafein conseguira resistir ao controlo de Malice, soltara um urro de triunfo e mergulhara no lago de ácido.

— Meu pai... — murmurou Drizzt, ganhando forças com essas simples palavras.

Fora bem-sucedido onde Zaknafein falhara; renegara os usos malévolos dos drow, os mesmos em que Zaknafein ficara aprisionado durante séculos, agindo como um peão nos jogos de poder da Matrona Malice. Desse falhanço e desse destino final de Zaknafein, o jovem Drizzt retirara forças; da vitória de Zaknafein na caverna do ácido, Drizzt recolhera determina-

ção. Ignorara a teia de mentiras que os seus antigos mestres da Academia de Menzoberranzan tinham tecido e viera para a superfície para começar uma nova vida.

Drizzt estremeceu quando entrou na água gelada. No Subescuro sempre conhecera temperaturas quase constantes e uma escuridão perene. Aqui, porém, o mundo surpreendia-o a cada momento. Já notara que os períodos de luz diurna e de escuridão não eram constantes; o Sol punha-se mais cedo a cada dia que passava e a temperatura — que parecia mudar de hora para hora — descera continuamente durante as últimas semanas. Mesmo durante esses períodos de luz e de escuridão havia inconsistências. Algumas noites eram visitadas por uma orbe que brilhava como prata, e alguns dias mostravam-se cinzentos, em vez de cobertos por uma cúpula de azul brilhante.

Apesar de tudo isso, Drizzt sentia-se, na maior parte do tempo, confortável com a sua decisão de vir para este mundo desconhecido. Olhando agora para as suas armas e armadura, caídas na sombra a uns metros de onde se banhava, tinha de admitir que a superfície, apesar de toda a sua estranheza, proporcionava mais paz do que qualquer lugar do Subescuro alguma vez poderia proporcionar.

Drizzt estava agora na selva, apesar da sua calma. Passara quatro meses à superfície e continuava sozinho, à excepção da altura em que podia convocar o seu companheiro felino mágico. Agora, quase nu, apenas com as calças esfarrapadas, com os olhos a arder devido ao borrifo da doninha, o sentido do odor perdido e aprisionado dentro da nuvem do seu próprio fedor pungente, com o apurado sentido da audição abafado pelo ruído da água a correr, o drow estava de facto vulnerável.

— Que triste figura devo ter — riu-se, correndo os dedos magros pela cabeleira branca e espessa. Quando voltou a olhar para o equipamento, porém, esse pensamento desapareceu rapidamente. Cinco formas possantes examinavam os seus pertences e mostravam claramente não se importar nada com a aparência esfarrapada do elfo negro.

Drizzt examinou a pele acinzentada e os focinhos negros daquelas figuras humanóides com rostos de cão e dois metros de altura; mas observou mais especialmente as espadas e lanças que agora apontavam para ele. Conhecía aquele tipo de monstros, pois vira criaturas semelhantes a servir de escravos em Menzoberranzan. Nesta situação, porém, os gnolls pareciam muito diferentes, mais ameaçadores do que Drizzt se lembrava deles.

Ponderou brevemente dar uma corrida até às cimitarras, mas pôs de lado essa ideia, sabendo que uma lança o trespassaria antes que conseguisse chegar lá perto. O maior de entre o bando de gnolls, um gigante de dois metros e meio, com cabelo vermelho, olhou para Drizzt por um lon-

go momento, depois olhou para o equipamento, e depois voltou a olhar para ele.

— Que estás tu a pensar? — murmurou Drizzt. Sabia realmente muito pouco acerca dos gnolls. Na Academia de Menzoberranzan fora-lhe ensinado que os gnolls eram uma raça goblinóide, malévola, imprevisível e muito perigosa. Mas também lhe fora dito o mesmo acerca dos elfos da superfície e dos humanos — e, aliás, agora que pensava nisso, fora-lhe dito o mesmo acerca de quase todas as raças que não fossem drow. Drizzt quase se riu em voz alta, apesar da situação delicada em que estava. Ironicamente, a raça que mais merecia essa qualificação de maldade e de imprevisibilidade era a dos próprios drow!

Os gnolls não se mexeram mais e não deram quaisquer ordens. Drizzt compreendeu a hesitação deles perante a visão de um elfo negro, e soube que tinha de aproveitar esse receio natural da parte deles, se queria ter alguma hipótese. Fazendo apelo às capacidades inatas da sua herança mágica, Drizzt agitou uma mão negra e desenhou chamas púrpura em volta de cada um dos gnolls.

Um dos animais caiu imediatamente no chão, como Drizzt esperara, mas os outros estacaram a um sinal da mão estendida do líder, mais experiente. Olhavam em volta, nervosamente, aparentemente indagando-se acerca da sensatez de prosseguir com aquele encontro. O chefe dos gnolls, porém, já vira aqueles fogos feéricos inofensivos, numa luta com um *ranger* drow azarado — e agora morto. E sabia o que aquilo era.

Drizzt ficou tenso, na expectativa, e tentou decidir qual o gesto seguinte.

O chefe dos gnolls olhou em volta, para os seus companheiros, como se a estudar até que ponto estavam rodeados pelas chamas bruxuleantes. A avaliar pela perfeição do encantamento, aquele drow não era um vulgar campónio — ou pelo menos, era isso que Drizzt esperava que o chefe dos gnolls estivesse a pensar.

Desconstruiu-se um pouco quando o chefe dos gnolls baixou a ponta da lança para o chão e fez sinal aos outros para fazerem o mesmo. O gnoll resmungou depois uma enxurrada de palavras que ao drow soaram como uma algaraviada. Vendo a óbvia incompreensão de Drizzt, o gnoll disse qualquer coisa na língua gutural dos duendes.

Drizzt compreendia essa linguagem, mas o dialecto do gnoll era tão estranho que apenas conseguiu decifrar algumas palavras, entre as quais «amigo» e «chefe».

Cautelosamente, Drizzt deu um passo em direcção à margem do riacho. Os gnolls recuaram, deixando o caminho livre até aos seus pertences. Deu mais um passo cauteloso e depois foi ganhando confiança quando viu que havia uma silhueta escura de felino nos arbustos, a pouca distância. A

uma ordem sua, Guenhwyvar, num único salto, abater-se-ia sobre o bando de gnolls.

— Tu e eu caminhamos juntos? — perguntou Drizzt ao chefe dos gnolls, usando a linguagem dos duendes e tentando simular o dialecto da criatura.

O gnoll respondeu com um rugido atabalhoado, e a única coisa que Drizzt pensou ter percebido foi a última palavra da pergunta: «...aliado?».

Drizzt fez que sim com a cabeça, lentamente, esperando ter compreendido toda a intenção da criatura.

— Aliado! — rosnou o gnoll, e todos os seus companheiros riram aliviados e deram palmadas nas costas uns dos outros. Drizzt chegou então perto do seu equipamento e colocou imediatamente o cinturão com as cimitarras. Vendo os gnolls distraídos, o drow olhou rapidamente para Guenhwyvar e fez-lhe sinal na direcção do trilho mais adiante, por entre a vegetação.

Com agilidade e silenciosamente, Guenhwyvar tomou uma nova posição. Não havia necessidade de revelar imediatamente todos os seus segredos, considerou Drizzt. Pelo menos até ter percebido verdadeiramente as intenções dos seus novos companheiros.

Caminhou ao lado dos gnolls pelos trilhos mais inferiores e serpenteantes da encosta da montanha. Os gnolls mantinham-se afastados, de ambos os lados de Drizzt, fosse por respeito a ele e à reputação da sua raça ou por qualquer outra razão; não podia saber. Mais provavelmente, suspeitava Drizzt, manteriam a distância simplesmente por causa do fedor, que o banho pouco fizera para diminuir.

O chefe gnoll dirigia-se a Drizzt de vez em quando, acentuando as suas palavras excitadas com uma piscadela de olho manhosa ou com um esfregar das mãos grossas e sapudas. Drizzt não fazia ideia do que o gnoll estava a dizer, mas presumiu, pelos estalos que este dava com a língua, que o estava a levar a alguma espécie de festim.

Drizzt depressa descobriu o destino do bando, porque avistara muitas vezes, dos cumes das montanhas, as luzes de uma pequena comunidade agrícola humana no vale. Não podia fazer ideia nenhuma acerca da relação entre os gnolls e os humanos agricultores, mas pressentiu que não seria uma relação amigável. Quando se aproximaram da aldeia, os gnolls assumiram posições defensivas, avançaram a coberto de arbustos e mantinham-se o mais possível nas sombras. O crepúsculo estava a aproximar-se rapidamente enquanto o bando abria caminho em redor da área central da aldeia, para se concentrar numa casa mais isolada, a oeste.

O chefe dos gnolls sussurrou para Drizzt, dizendo cada palavra lentamente, para que o drow o entendesse.

— Uma família — disse. — Três homens, duas mulheres...

— Uma mulher jovem — acrescentou outro, excitado.

O chefe gnoll riu-se.

— E três jovens machos — concluiu.

Drizzt compreendia agora o objectivo da expedição, e o ar surpreendido e de interrogação no seu rosto levou o chefe gnoll a confirmar-lho para além de qualquer dúvida.

— Inimigos — declarou o chefe.

Drizzt, que quase nada sabia acerca de ambas as raças, estava num dilema. Os gnolls eram salteadores — isso era evidente — e tencionavam atacar aquela casa assim que a luz do dia desaparecesse. Drizzt não tinha nenhuma intenção de se lhes juntar no combate, até ter muito mais informação relativamente à natureza do conflito.

— Inimigos? — perguntou.

O chefe gnoll franziu o sobrolho, mostrando uma aparente consternação. Despejou um chorrilho de palavras quase incompreensíveis de onde Drizzt julgou ter percebido «humanos... fracos... escravos». Todos os gnolls perceberam o súbito desconforto de Drizzt e começaram a deitar as mãos às armas e a olhar uns para os outros nervosamente.

— Três homens... — disse Drizzt.

O gnoll espetou a lança selvaticamente no chão.

— Matar mais velho! Apanhar os dois!

— E mulheres?

O sorriso aberto na cara do gnoll respondeu à pergunta para além de qualquer dúvida, e Drizzt começava a compreender em que posição estava neste conflito.

— E as crianças?

Olhou para o chefe gnoll directamente e disse cada palavra bem marcadamente. Não podia haver mal entendidos. A sua última pergunta confirmava tudo, pois ainda que Drizzt conseguisse aceitar a selvajaria típica entre inimigos mortais, nunca poderia esquecer a vez em que tinha participado num raide semelhante. Nesse dia, salvara uma criança elfo, escondeu-a debaixo do corpo da mãe para a abrigar da ira dos seus companheiros drow. De todos os muitos males que Drizzt já testemunhara, o assassinato de crianças fora o pior.

O gnoll empurrou a lança de novo contra o chão, com o rosto canino contorcendo-se numa alegria malévola.

— Não me parece — disse simplesmente Drizzt, com o fogo a brilhar nos olhos cor de alfazema.

De repente, os gnolls perceberam que, sem saberem como, as cimitarras tinham aparecido nas mãos de Drizzt.

O focinho do chefe gnoll franziu-se de novo, mas desta vez numa ex-

pressão de confusão. Tentou levantar a lança, para se defender, sem saber o que aquele estranho drow faria a seguir, mas já era demasiado tarde.

A corrida de Drizzt era demasiado ágil. Antes que a lança do gnoll sequer se mexesse, já o drow mergulhava com as cimitarras em riste. Os outros quatro gnolls observaram estupefactos enquanto as lâminas de Drizzt rodopiavam duas vezes, rasgando a garganta do poderoso chefe. O gnoll gigante caiu para trás em silêncio, agarrando futilmente o pescoço.

Um gnoll mais ao lado foi o primeiro a reagir, erguendo a lança e carregando contra Drizzt. O ágil drow desviou com facilidade o ataque frontal, mas teve o cuidado de não fazer o gnoll perder o balanço. Enquanto a grande criatura passava por ele, lançada, Drizzt rolou pondo-se ao seu lado e pontapeou-a nos tornozelos. Perdido o equilíbrio, o gnoll estatelou-se, mergulhando a ponta da lança no peito de um dos companheiros.

O gnoll puxou a arma para trás, mas esta estava bem enterrada, com a ponta serrilhada bem presa nos ossos do outro gnoll. O gnoll não estava nada preocupado com o seu companheiro moribundo; a única coisa que queria era a sua arma. Puxava e sacudia a lança, e praguejava e rugia perante as expressões agonizantes do companheiro — até que uma cimitarra se lhe enterrou no crânio.

Outro gnoll, vendo o drow distraído e pensando que seria mais sensato atacar este adversário à distância, ergueu a lança para a atirar. O braço subiu, mas antes que a arma começasse sequer a avançar, Guenhwyvar carregou sobre ele e ambos rebolaram para longe. O gnoll dava fortes murros nos flancos musculosos da pantera, mas as garras afiadas de Guenhwyvar eram muito mais eficientes. Na fracção de segundo que Drizzt demorou a desviar o olhar dos três gnolls mortos aos seus pés, já o quarto do bando estava morto debaixo da grande pantera. O quinto fugira.

Guenhwyvar soltou-se do teimoso abraço do gnoll morto. Os músculos elegantes do felino ficaram em tensão, ansiosamente à espera da ordem. Drizzt observou a carnificina à sua volta, o sangue nas cimitarras e as horríveis expressões nos rostos dos mortos. Queria deixar as coisas ficar por ali, pois percebera que tinha entrado numa situação que ia para além da sua experiência, que cruzara os caminhos de duas raças das quais sabia muito pouco. Após um momento de ponderação, porém, a única ideia que se mantinha na mente do drow era a promessa sorridente do chefe gnoll de morte para as crianças humanas. Havia demasiado em risco.

Drizzt virou-se para Guenhwyvar, com a voz mais determinada do que resignada:

— Apanha-o.

* * *

O gnoll tropeçava por entre os arbustos, olhando em volta ansiosamente, enquanto imaginava silhuetas negras por detrás de cada pedra ou de cada árvore.

— Drow! — rosnava repetidamente, usando a palavra como uma espécie de encorajamento enquanto fugia. — Drow! Drow!

Ofegante, o gnoll chegou a uma fila de árvores que se estendia entre duas paredes altas de pedra nua. Tropeçou num tronco caído e magoou as costelas ao embater numa pedra coberta de musgo. Mas essas dores menores não iriam abrandar a assustada criatura, de modo algum. O gnoll sabia que estava a ser perseguido, sentia uma presença a rondar nas sombras, sempre no limite de onde alcançava o seu olhar.

Quando estava a chegar perto do fim da fila de árvores, envoltas numa escuridão cada vez mais cerrada, o gnoll deparou com um par de olhos amarelos faiscantes a olharem para ele. O gnoll vira o seu companheiro que fora abatido pela pantera e podia adivinhar o que estava agora a bloquear-lhe o caminho.

Os gnolls eram monstros cobardes, mas eram capazes de combater com uma tenacidade surpreendente, quando encurralados. Assim acontecia agora. Percebendo que não tinha por onde fugir — pois evidentemente não podia voltar para trás em direcção ao elfo negro — o gnoll rosnou e ergueu a pesada lança.

Ouviu um restolhar, um baque surdo e um guincho de dor quando a lança atingiu algo. Os olhos amarelos afastaram-se por um momento, e depois uma silhueta correu para uma árvore. Movia-se rente ao chão, quase como um felino, mas o gnoll percebeu logo que o seu alvo não era uma pantera. Quando o animal ferido chegou à árvore, olhou para trás e o gnoll reconheceu-o claramente.

— Texugo — rosnou o gnoll. E riu-se. — Estava a fugir de um texugo!

O gnoll abanou a cabeça e afastou o sorriso com um suspiro profundo. A visão do texugo dera-lhe uma certa dose de alívio, mas não podia esquecer-se do que tinha acontecido mais atrás. Agora, tinha de regressar ao seu antro, para relatar a Ulgulu, o seu gigantesco amo duende, a sua criatura-deus, tudo acerca do drow.

Deu um passo em frente para recuperar a lança, e depois parou subitamente, sentindo movimento atrás de si. Lentamente, virou a cabeça. Conseguia ver o seu próprio ombro e uma rocha coberta de musgo mais atrás.

Ficou imóvel. Nada se movia atrás dele, não vinha um único som de entre as árvores, mas a besta sabia que alguma coisa estava lá atrás. A respiração do goblinóide era agora entrecortada; as mãos gordas abriam-se e fechavam-se ao lado do corpo.

O gnoll rodou rapidamente e rugiu, mas o urro de raiva transformou-se num grito de horror quando trezentos quilos de pantera saltaram de uma árvore para cima dele.

O impacto fez o gnoll estatelar-se, mas não era uma criatura fraca. Ignorando as dores excruciantes das cruéis garras da pantera, o gnoll agarrou a cabeça de Guenhwyvar e manteve as maxilas mortais afastadas, tentando impedi-las de encontrar o seu pescoço.

Durante quase um minuto, o gnoll debateu-se, com os braços a fraquejar sob a pressão dos poderosos músculos do pescoço da pantera. Foi então que a cabeça do felino desceu e Guenhwyvar encontrou um ponto onde agarrar. Dentes enormes fecharam-se sobre o pescoço do gnoll e abafaram a respiração da criatura condenada.

O gnoll agitou-se e sacudiu-se freneticamente; conseguindo mesmo rebolar para cima da pantera. Guenhwyvar manteve-se impassível, despreocupada. As maxilas mantinham-se bem cerradas.

Ao fim de uns minutos, a agitação cessou.



2 QUESTÕES DE CONSCIÊNCIA

Drizzt deixou a visão reverter para o espectro infra-vermelho, usando a visão noturna que podia ver gradações de calor tão claramente como via os objectos à luz do dia. Aos seus olhos, as cimitarras brilhavam agora ofuscantemente com o calor do sangue fresco, e os corpos trespassados dos gnolls mortos espalhavam o calor no ar.

Tentou desviar o olhar, tentou observar o trilho por onde Guenhwyvar seguira em perseguição do quinto gnoll, mas, cada vez que o fazia, o olhar voltava a recair sobre gnolls mortos e sobre as espadas ensanguentadas.

— Que fiz eu? — interrogou-se em voz alta.

De facto, não sabia. Os gnolls tinham falado em chacinar crianças, ideia que despertara a raiva no seu interior. Mas o que sabia ele do conflito entre os gnolls e os humanos da aldeia? Poderiam os humanos, mesmo as crianças humanas, ser monstros? Talvez eles tivessem atacado a aldeia dos gnolls e tivessem matado sem piedade. Talvez os gnolls tivessem apenas querido retaliar porque não tinham outra escolha, porque tinham de se defender.

Drizzt afastou-se da cena macabra em busca de Guenhwyvar, esperando conseguir chegar perto da pantera antes que o quinto gnoll fosse morto. Se conseguisse encontrar o gnoll e capturá-lo, talvez pudesse ter algumas respostas para as perguntas que desesperadamente precisava de ver respondidas. Movia-se por passadas largas e elegantes, mal fazendo um ruído enquanto deslizava por entre os arbustos ao longo do trilho. Encontrou facilmente sinais da passagem do gnoll, e viu, para seu receio, que Guenhwyvar também tinha encontrado essa pista. Quando finalmente chegou à fila de

árvores, já esperava que a sua busca estivesse perto do final. Mesmo assim, o coração de Drizzt abateu-se quando viu o felino reclinado junto da última vítima.

Guenhwyvar olhou para Drizzt com curiosidade enquanto este se aproximava, vendo os passos obviamente agitados do drow.

— Que fizemos nós, Guenhwyvar? — murmurou Drizzt. A pantera inclinou a cabeça como se não estivesse a perceber. — Quem sou eu para fazer juízos? — prosseguiu Drizzt, falando mais para si mesmo do que para o felino. Afastou-se de Guenhwyvar e do gnoll morto e foi até um arbusto frondoso, onde podia limpar o sangue das espadas. — Os gnolls não me atacaram a mim; e tinham-me à sua mercê quando deram comigo no riacho. E eu retribuí-lhes matando-os...

Drizzt rodou para ficar de frente para Guenhwyvar enquanto proclamava estas palavras, como se esperasse que a pantera o censurasse de alguma forma, o condenasse e assim justificasse a sua culpa. Guenhwyvar não se tinha movido um centímetro e não sabia de nada; e os seus grandes olhos, brilhando num amarelo esverdeado no meio da noite, não perscrutavam Drizzt, nem o recriminavam de forma alguma pelas suas acções.

Drizzt ia começar a protestar, querendo sublinhar a sua sensação de culpa, mas a aceitação calma de Guenhwyvar não se deixou abalar. Quando tinham vivido sozinhos na selva do Subescuro, quando Drizzt se perdera a si mesmo cedendo às tentações selvagens que tornavam a matança um prazer, Guenhwyvar chegara por vezes a desobedecer-lhe, e regressara até ao seu Plano Astral, certa vez, sem sua licença. Agora, no entanto, a pantera não mostrava sinais de se ir embora ou de desapontamento. Guenhwyvar levantou-se, sacudiu o pó e as folhas secas da pelagem elegante e negra e avançou para se encostar a Drizzt.

Gradualmente, Drizzt descontraíu-se. Limpou de novo as cimitarras, desta vez com ervas grossas, e depois voltou a embainhá-las. Por fim, pôs uma mão agradecida na enorme cabeça de Guenhwyvar.

— As palavras deles denunciaram a sua maldade — murmurou o drow, para se tranquilizar. — As intenções deles forçaram-me às minhas acções.

As palavras não tinham muita convicção, mas, nesse momento, Drizzt tinha de acreditar nelas. Respirou fundo para se acalmar e olhou para dentro, para procurar a força que sabia de que ia precisar. Percebendo depois que Guenhwyvar estava ao seu lado havia já bastante tempo e precisava de regressar ao Plano Astral para descansar, meteu a mão na pequena bolsa que tinha ao lado.

Antes que Drizzt retirasse a estatueta de ónix da bolsa, porém, uma pata da pantera ergueu-se e sacudiu-lhe a mão. Drizzt olhou intrigado para Guenhwyvar, e o felino encostou-se a ele pesadamente, quase o fazendo cair.

— Meu leal amigo — disse Drizzt, percebendo que o felino queria ficar junto dele, preocupado. Tirou a mão da bolsa e caiu sobre um joelho, dando a Guenhwyvar um forte abraço. Depois, ambos se afastaram do cadáver do gnoll, caminhando lado a lado.

Drizzt não dormiu nessa noite, mas ficou a ver as estrelas e a interrogar-se. Guenhwyvar sentia a ansiedade dele e manteve-se perto desde o momento em que a Lua apareceu e até voltar a desaparecer; e quando Drizzt avançou para saudar o novo dia, Guenhwyvar caminhou ao seu lado, lenta e cansadamente. Encontraram um pico rochoso na colina e recostaram-se para ver o espectáculo ardente.

Lá em baixo, as últimas luzes desapareciam das janelas da aldeia de agricultores. O céu a leste tornou-se cor-de-rosa, depois púrpura; mas Drizzt deu consigo distraído. O seu olhar regressava constantemente às casas agrícolas lá mais em baixo; a sua mente tentava reconstituir as rotinas daquela comunidade desconhecida e tentava encontrar nisso alguma justificação para os acontecimentos do dia anterior.

Os humanos eram agricultores, isso Drizzt já sabia, e também trabalhadores diligentes, pois muitos deles já estavam lá fora a tratar das suas terras. Embora esses factos fossem promissores, Drizzt, mesmo assim, não podia presumir nada acerca do comportamento da raça humana em geral.

Foi então que tomou uma decisão, enquanto a luz do dia começava a espalhar-se, iluminando as estruturas de madeira da aldeia e os vastos campos de cereais.

— Tenho de aprender mais, Guenhwyvar — disse suavemente. — Se eu... Se nós vamos ficar neste mundo, temos de compreender os usos dos nossos vizinhos.

Abanou a cabeça em concordância com as suas próprias palavras. Já ficara provado, dolorosamente provado, que não poderia permanecer como observador neutral das coisas que se passavam na superfície. Drizzt era frequentemente levado a entrar em acção pela sua consciência, uma força que não tinha maneira de contrariar. No entanto, sabendo tão pouco acerca das raças que habitavam na região, a sua consciência poderia facilmente fazê-lo cair em erro. Poderia causar danos a inocentes, assim anulando os próprios princípios de que queria ser o campeão.

Semicerrou os olhos para enfrentar a luz da manhã, vasculhando a aldeia distante em busca de alguma sugestão de uma resposta.

— Irei até lá — disse para a pantera. — Irei até lá, e observarei e aprenderei.

Guenhwyvar manteve-se sentada em silêncio todo o tempo. Se a pantera aprovava ou desaprovava, ou sequer se entendia as intenções de Drizzt, não saberia dizer. Desta vez, porém, Guenhwyvar não fez nenhum

gesto de protesto quando Drizzt pegou na estatueta de ónix. Uns momentos mais tarde, a grande pantera corria pelo túnel planar até ao seu lar astral, e Drizzt avançava pelos trilhos que iam dar à aldeia humana e às suas respostas. Só parou uma vez, junto ao corpo do gnoll morto, para recolher a capa da criatura. Estremeceu perante o seu gesto de pilhagem, mas a noite fria recordara-lhe que a perda do seu *piwafwi* poderia vir a ser grave.

Até esse momento, o conhecimento que Drizzt tinha dos humanos e da sua sociedade era severamente limitado. Bem no fundo das entranhas do Subescuro, os elfos negros tinham pouca comunicação, ou interesse em tê-la, com os da superfície. A única vez em que Drizzt ouvira falar de humanos em Menzoberranzan fora durante os anos de estudo na Academia, nos seis meses que passara em Sorcere, a escola de magia. Os mestres drow tinham avisado os alunos contra o uso da magia «da forma como um humano faria», dando a entender uma perigosa falta de cuidado, geralmente associada com essa raça de vida muito mais curta.

«Os magos humanos», diziam os mestres, «não têm menos ambições do que os magos drow; mas enquanto um drow pode demorar cinco séculos a atingir o seu objectivo, um humano apenas tem umas curtas décadas».

Drizzt trouxera as implicações dessa afirmação consigo durante bons anos, e especialmente durante os últimos meses, desde que olhara para a aldeia humana quase diariamente. Se todos os humanos, e não apenas os magos, fossem tão ambiciosos como tantos dos drow — fanáticos capazes de passar a maior parte de um milénio a tentar atingir os seus objectivos — seriam consumidos por uma teimosia próxima da histeria? Ou talvez, esperava Drizzt, as histórias que tinha ouvido acerca dos humanos na Academia fossem apenas mais algumas das típicas mentiras que envolviam aquela sociedade numa teia de intrigas e paranóia. Talvez os humanos tabelassem os seus objectivos por níveis mais razoáveis e encontrassem alegria e satisfação nos pequenos prazeres dos curtos dias das suas existências.

Drizzt só encontrara um humano, uma vez, nas suas viagens pelo Subescuro. Esse homem, um mago, comportara-se de forma irracional, imprevisível, e derradeiramente perigosa. O mago transformara um amigo de Drizzt, um *pech*, pequena e inofensiva criatura humanóide, num monstro horrível. Quando Drizzt e os seus companheiros tinham ido tentar reverter o processo na torre do mago, tinham sido recebidos com uma explosão de raios. No fim de tudo, o humano tinha sido morto e o amigo de Drizzt, Clacker, acabara entregue ao seu tormento.

Drizzt ficara com uma amarga sensação de vazio, com esse exemplo de um homem que parecia confirmar a verdade dos avisos dos mestres. Por

isso, era com passos cautelosos que agora caminhava em direcção à aldeia humana, com cada passo carregado do receio crescente de que tivesse errado ao matar os gnolls.

Decidiu observar a mesma casa isolada do lado ocidental da aldeia que os gnolls tinham seleccionado para o seu raide. Era uma longa e baixa estrutura de troncos de madeira com uma única porta e várias janelas fechadas. Um alpendre corria ao longo da frente. Mais ao lado havia um celeiro, com a altura de dois andares, com portas largas e altas que permitiam a entrada de uma grande carroça. Vedações de vários tamanhos e tipos marcavam o eirado logo ao lado, muitas delas contendo galinhas ou porcos, uma enclausurando uma cabra, e outras vedando zonas de filas muito direitas de verduras que Drizzt desconhecia.

O eirado era flanqueado por campos de três lados, mas as traseiras da casa ficavam perto da vegetação densa das encostas da montanha e de grandes rochedos. Drizzt enfiou-se por debaixo dos ramos mais baixos de um pinheiro, junto ao canto de trás da casa, que lhe permitia ver quase todo o eirado.

Os três homens adultos da casa — três gerações, supôs Drizzt, avaliando pela aparência — trabalhavam nos campos, demasiado longe das árvores para que conseguisse ver muitos pormenores. Mais perto da casa, porém, havia quatro crianças; uma filha que estava quase a tornar-se mulher e três rapazes mais jovens, que tratavam dos seus assuntos calmamente, tratando das galinhas e dos porcos e cortando as ervas daninhas das hortas. Trabalharam separadamente e com o mínimo de interacção durante a maior parte da manhã, e Drizzt pouco aprendeu sobre as suas relações familiares. Quando uma mulher possante, com o mesmo cabelo cor de palha que todos os cinco jovens, saiu para o alpendre e fez soar um enorme sino, pareceu que toda a alma que tinha estado aprisionada dentro dos trabalhadores se soltou de repente, para além de qualquer controlo.

Aos saltos e aos gritos, os três rapazes começaram a correr para a casa, parando apenas um momento para atirarem vegetais murchos à irmã mais velha. Inicialmente, Drizzt pensou que aquele bombardeamento fosse apenas o prelúdio para um conflito mais sério, mas a jovem retaliou na mesma moeda, e todos riam; Drizzt percebeu que era uma brincadeira.

Um momento mais tarde, o mais jovem dos homens que andavam nos campos, provavelmente um irmão mais velho, entrou rapidamente no eirado, gritando e brandindo uma gadanha de aço. A jovem rapariga gritou encorajando o novo aliado e os três rapazes correram para o alpendre. Mas o homem era rápido e agarrou o que tinha ficado mais para trás com um braço forte, e lançou-o imediatamente para o outro lado da vedação dos porcos.

E durante todo esse tempo, a mulher com o sino abanava apenas a cabeça, impotente, lançando um interminável e exasperado resmungo. Uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos e muito magra, veio pôr-se ao lado dela, brandindo ameaçadoramente uma colher de pau. Aparentemente satisfeito, o jovem pôs um braço por cima dos ombros da rapariga e seguiram os dois primeiros rapazes para dentro de casa. O rapazito que restava saiu da lama e ia segui-los, mas a colher de pau manteve-o à distância.

Drizzt não conseguia perceber uma palavra do que estavam a dizer, evidentemente, mas calculou que a mulher não deixaria o mais pequeno entrar em casa enquanto não se limpasse e secasse. O irrequieto rapaz resmungou qualquer coisa para as costas da mulher da colher de pau enquanto esta entrava em casa, mas escolheu mal o momento.

Os dois outros homens, um deles com uma barba espessa e grisalha e o outro sem barba, regressavam do campo e apareceram atrás do rapaz enquanto este resmungava. Lá foi o rapaz de novo pelo ar, aterrando mais uma vez na lama dos porcos. Felicitando-se animadamente pelo seu feito, os dois homens entraram em casa, perante os aplausos de todos os outros. O rapazito encharcado limitava-se agora a resmungar sozinho e atirava água para a cara de um porco que se tinha aproximado para ver o que se passava.

Drizzt observava isto tudo com um crescente entusiasmo. Nada vira de conclusivo, mas os gestos brincalhões da família e mesmo a aceitação resignada do vencido da brincadeira deram-lhe motivos para se sentir encorajado. Sentiu um espírito de comunidade naquele grupo, com todos os membros a trabalharem para o mesmo objectivo. Se esta quinta fosse uma imagem de toda a aldeia, então esse lugar seria decerto muito mais semelhante a Blingdenstone, a cidade comunal dos gnomo das profundezas, do que a Menzoberranzan.

A tarde correu praticamente da mesma forma como a manhã, com uma mistura de trabalho e diversão evidente por toda a quinta. A família recolhia cedo e apagava as luzes pouco depois do pôr-do-sol, e Drizzt recolheu para a vegetação mais densa da colina para ponderar sobre as suas observações.

Continuava a não poder ter a certeza de nada, mas dormiu mais sossegado nesse noite, sem ser perturbado por dúvidas persistentes quanto aos gnolls mortos.

* * *

Durante três dias, o drow manteve-se nas sombras por detrás da quinta, a observar a família a trabalhar e a divertir-se. A união entre todo o grupo

tornou-se cada vez mais evidente, e sempre que surgia uma verdadeira briga entre os mais jovens, o adulto que estivesse mais perto intervinha imediatamente e mediava o conflito até a um nível de razoabilidade. Invariavelmente, os contendores estavam de novo a brincar juntos daí a pouco tempo.

Todas as dúvidas tinham agora abandonado Drizzt.

— Cuidado com as minhas lâminas, salteadores — murmurou para a montanha silenciosa, certa noite.

O jovem drow renegado decidira que se quaisquer gnolls ou duendes — ou criaturas de qualquer outra raça que fosse — tentassem carregar sobre aquela família de agricultores teriam de primeiro se ver com as cimitarras rodopiantes de Drizzt Do'Urden.

Drizzt sabia o risco que corria ao observar a família daquela quinta. Se os agricultores dessem com ele — o que era uma possibilidade bastante forte — decerto entrariam em pânico. Neste ponto da sua vida, porém, Drizzt estava disposto a correr esse risco. Uma parte dele era capaz até de desejar ser descoberto

Cedo na manhã do quarto dia, antes de o Sol ter encontrado o caminho para o céu de oriente, Drizzt iniciou a sua patrulha diária, percorrendo as colinas e bosques que rodeavam a casa isolada. Quando o drow regressou ao seu esconderijo, o dia de trabalho na quinta já estava bem avançado. Sentou-se confortavelmente num tufo de musgo e espreitou por entre as sombras o brilho do dia sem nuvens.

Menos de uma hora depois, uma figura solitária escapuliu-se da casa e veio na direcção de Drizzt. Era o mais novo dos rapazes, o louro que parecia passar tanto tempo dentro da cerca dos porcos como fora dela, e geralmente não por sua própria vontade.

Drizzt deslizou para trás de um tronco que estava por perto, sem saber as intenções do rapaz. Depressa percebeu que ele não o vira, porque entrou na vegetação espessa, olhou por cima do ombro para a casa, murmurando qualquer coisa com desdém, e dirigiu-se para a mata, assobiando o tempo todo. Drizzt percebeu que o rapaz estava a fugir às suas tarefas, e quase aplaudiu a atitude ousada. No entanto, não estava muito seguro da sensatez do rapaz em aventurar-se assim para longe de casa, num terreno tão perigoso. Não poderia ter mais de dez anos; parecia magro e delicado, com uns olhos azuis e inocentes a espreitar por entre caracóis de âmbar.

Drizzt esperou alguns momentos, para dar ao rapaz um bom avanço e para ver se vinha alguém a segui-lo, e depois seguiu o mesmo trilho, deixando que o assobio o guiasse.

O rapaz avançava resolutamente para longe da casa, em direcção à montanha, e Drizzt seguia uns cem passos atrás dele, determinado a mantê-lo fora de perigo.

Nos túneis sombrios do Subescuro, Drizzt poderia estar a andar logo atrás do rapazito — ou atrás de um duende ou do que quer que fosse — e não ser descoberto até dar uma palmadinha no ombro do perseguido. Mas em apenas meia hora desta perseguição, as mudanças de direcção e de velocidade ao longo do trilho, juntamente com o facto de o assobio ter terminado, disseram a Drizzt que o rapaz sabia que estava a ser seguido.

Interrogando-se se o rapaz teria sentido a presença de uma terceira criatura, Drizzt convocou Guenhwyvar por meio da estatueta de ónix e mandou a pantera numa manobra de flanco. Depois, recomeçou a avançar com passos cautelosos.

Um momento depois, quando a voz da criança se ouviu num grito de aflição, o drow sacou as cimitarras e deixou de lado todas as precauções. Não conseguia perceber nenhuma das palavras do rapaz, mas o tom desesperado era suficientemente claro.

— Guenhwyvar! — chamou Drizzt, tentando trazer a pantera de volta para seu lado.

Mas não podia parar e ficar à espera do felino, e prosseguiu em frente.

O trilho avançava agora por uma subida íngreme, saía das árvores subitamente e terminava num amplo fosso, com uns bons seis metros de largura. Um simples tronco de árvore deitado atravessava o fosso, e desse tronco, perto do outro lado, estava o rapaz pendurado. Os olhos abriram-se-lhe muito perante a visão do elfo de pele de ébano, com as cimitarras nas mãos. Gaguejou algumas palavras que Drizzt não conseguiu perceber.

Uma sensação de culpa invadiu Drizzt, perante a visão do rapaz em perigo; este apenas tinha acabado naquela situação devido à sua perseguição. O fosso não era muito profundo; tinha quase tanto de fundo como de largo; mas uma queda acabaria em cima de rochas pontiagudas e de cascalho. Inicialmente, Drizzt hesitou, apanhado desprevenido pelo encontro inesperado e pelas suas inevitáveis implicações; mas depois o drow pôs rapidamente os seus próprios problemas de lado. Voltou a embainhar as cimitarras e, cruzando os braços sobre o peito, num sinal drow de paz, colocou um pé sobre o tronco.

O rapaz tinha outras intenções. Assim que recuperou do choque de ver um estranho elfo, fez-se balançar até uma saliência de pedra do outro lado do fosso, em frente a Drizzt, e empurrou o tronco do apoio. Drizzt recuou rapidamente do tronco enquanto este se precipitava no fosso. Percebeu então que o rapaz nunca estivera realmente em perigo, mas fingira os apuros para fazer aparecer o seu perseguidor. E, presumiu Drizzt, se o perseguidor tivesse sido alguém da família do rapaz, como este decerto tinha pensado, a situação de perigo teria certamente afastado qualquer ideia de castigo.

Agora era Drizzt quem estava numa situação de perigo. Tinha sido des-

coberto. Tentou pensar numa forma de comunicar com o rapaz, de explicar a sua presença e evitar que ele se assustasse. Mas o rapaz não esperou por nenhuma explicação. De olhos muito abertos e presa do terror, escalou a parede de pedra — por um caminho que obviamente conhecia bem — e correu para dentro da vegetação espessa.

Drizzt olhou em volta, impotente.

— Espera! — gritou na língua drow, embora soubesse que o rapaz não entenderia, e que não pararia, mesmo que entendesse.

Uma silhueta negra de felino surgiu por detrás de Drizzt e saltou no ar, atravessando com facilidade o fosso. Guenhwyvar aterrou com suavidade do outro lado e desapareceu entre a vegetação.

— Guenhwyvar! — gritou Drizzt, tentando fazer parar a pantera. Não fazia ideia de como o felino reagiria à criança. Tanto quanto Drizzt sabia, a pantera só vira humanos uma vez, e fora o mago que os companheiros de Drizzt tinham acabado por matar. Olhou em volta, procurando alguma maneira de os seguir. Podia descer pela parede do fosso, atravessar o fundo e depois subir a parede oposta, mas isso demoraria demasiado.

Correu uns passos para trás, e depois correu em direcção ao fosso e saltou no ar, recorrendo aos seus poderes inatos de levitação enquanto o fazia. Sentiu-se verdadeiramente aliviado quando sentiu o corpo a libertar-se da força da gravidade. Não usava o seu poder de levitação desde que viera para o mundo da superfície. Esse encantamento não tinha nenhuma utilidade para um drow escondido sob o céu aberto. Gradualmente, o balanço inicial de Drizzt levou-o até perto do outro lado do fosso. Começou a concentrar-se em descer suavemente até à pedra, mas o encantamento terminou abruptamente e caiu com força. Ignorou as equimoses no joelho e as perguntas sobre porque razão o encantamento tinha falhado, e começou a subir rapidamente, chamando desesperadamente Guenhwyvar, para a fazer parar.

Ficou aliviado quando encontrou o felino. Guenhwyvar estava calmamente sentado numa clareira, com uma pata assente descontraindo sobre o rapaz, colando-o ao chão de cara para baixo. A criança estava outra vez aos gritos — de socorro, presumiu Drizzt —, mas parecia não estar ferida.

— Vem, Guenhwyvar — disse Drizzt calmamente, em voz baixa. — Deixa a criança em paz.

Guenhwyvar bocejou longamente e obedeceu, avançando lentamente pela clareira até chegar ao lado do seu amo.

O rapaz manteve-se deitado por um longo momento. Depois, reunindo toda a sua coragem, moveu-se subitamente, pondo-se de pé num salto e virando-se para enfrentar o elfo negro e a pantera. Os olhos pareciam ainda

mais arregalados do que antes, quase numa caricatura de terror, quase saltando da cara agora suja de terra.

— O que és tu? — perguntou o rapaz na língua comum dos humanos.

Drizzt abriu muito os braços, para indicar que não compreendia.

Num impulso súbito, apontou um dedo para o peito e respondeu:

— Drizzt Do'Urden.

Reparou que o rapaz estava a mover-se lentamente, colocando dissimuladamente um pé atrás do outro, e depois pondo o segundo ao lado do anterior. Drizzt não ficou surpreendido — e desta vez assegurou-se de que mantinha Guenhwyvar à vista — quando o rapaz fez meia volta e desatou a correr, gritando a cada passo:

— Socorro! É um drizzit!!

Drizzt olhou para Guenhwyvar e encolheu os ombros, e o felino pareceu responder da mesma forma.



3 Os WHELPS

Nathak, um duende de braços longos, seguia o seu caminho lentamente pelo declive íngreme de rocha, com cada passo pesado de receios. O duende tinha de relatar o seu achado — cinco gnolls mortos não eram coisa que se pudesse ignorar —, mas a desafortunada criatura duvidava seriamente de que Ulgulu ou Kempfana aceitassem bem essas notícias. Mas, fosse como fosse, que opções tinha Nathak? Poderia fugir, correr pelo outro lado da montanha e enfiar-se na floresta. Mas isso parecia uma alternativa ainda mais desesperada, pois o duende conhecia bem o gosto que Ulgulu tinha pela vingança. O grande senhor de pele púrpura conseguia arrancar uma árvore do chão apenas com as mãos nuas, era capaz de arrancar mãos-cheias de pedra das paredes da caverna, e era capaz de rasgar prontamente a garganta de um duende desertor.

Cada passo que Nathak dava provocava-lhe um arrepio, enquanto passava pelos arbustos que escondiam a pequena entrada do complexo de grutas do seu senhor.

— Já era tempo de estares de volta — rosnou um dos dois duendes que estavam nessa antecâmara. — Já andavas fora há dois dias!

Nathak limitou-se a acenar com a cabeça e a respirar fundo.

— Que tens a dizer? — perguntou o terceiro duende. — Encontraste os gnolls?

A cara de Nathak empalideceu, e nenhuma quantidade de ar inspirado profundamente podia aliviar o esgar de medo da cara do duende.

— Ulgulu está aí? — perguntou receosamente.

Os dois guardas duendes olharam com curiosidade um para o outro, e depois olharam de novo para Nathak.

— Encontrou os gnolls — notou um deles, adivinhando o problema. — Gnolls mortos.

— Ulgulu não vai ficar nada satisfeito — acrescentou o outro. E afastaram-se, com um deles a levantar a pesada cortina que separava a antecâmara da sala de audiências.

Nathak hesitou e começou a olhar para trás, como que a reconsiderar toda a sua decisão. Talvez a fuga fosse preferível, pensou. Os guardas duendes agarraram o companheiro e empurraram-no bruscamente para a sala de audiências, cruzando as lanças atrás dele, para impedirem qualquer hipótese de retirada.

Nathak conseguiu reunir algum sangue frio e compostura quando viu que era Kempfana, e não Ulgulu, que estava sentado na grande cadeira do outro lado da sala. Kempfana ganhara a reputação, entre os duendes inferiores, de ser o mais calmo dos dois irmãos reinantes, ainda que também ele tivesse já devorado impulsivamente demasiados dos seus servidores para poder ser respeitado saudavelmente por estes. Kempfana mal notou a entrada de Nathak, conversando animadamente com Lagerbottoms, o gordo gigante das montanhas que anteriormente reclamara a caverna como sua.

Nathak arrastou os pés pela sala, atraindo sobre si os olhares do gigante das montanhas e do enorme goblinóide cor de púrpura, quase do tamanho do gigante.

— Sim, Nathak — encorajou Kempfana, calando os protestos que o gigante das montanhas ia começar com um simples gesto sacudido da mão. — Que tens a relatar?

— Eu... eu... — gaguejou Nathak.

Os grandes olhos de Kempfana brilharam subitamente com um tom laranja, num sinal claro de perigosa animosidade.

— Eu encontrei os gnolls! — despejou de uma vez Nathak. — Mortos. Chacinados.

Lagerbottoms soltou um rugido grave e ameaçador, mas Kempfana agarrou-lhe um braço com força, lembrando-lhe quem mandava ali.

— Mortos? — perguntou o duende de pele púrpura calmamente.

Nathak assentiu com a cabeça.

Kempfana lamentou a perda de escravos tão valiosos, mas os pensamentos do barghest whelp, nesse momento, estavam mais concentrados na inevitavelmente volátil reacção do irmão a estas notícias. E Kempfana não precisou de esperar muito.

— Mortos! — ouviu-se o rugido, tão forte que quase abria rachas na rocha. Todos os três monstros na caverna se encolheram instintivamente

e se chegaram para o lado, mesmo a tempo de verem uma enorme pedra, que era a porta tosca para outra sala, a voar pelo ar e a deslizar depois pelo chão.

— Ulgulu! — guinchou Nathak. E o pequeno duende caiu de cara para baixo no chão, sem se atrever a olhar.

A enorme criatura goblinóide de pele púrpura entrou de rompante na sala de audiências, com os olhos a faiscar a laranja. Três grandes passadas puseram Ulgulu mesmo ao lado do gigante das montanhas, e Lagerbottoms pareceu de repente muito pequeno e vulnerável.

— Mortos! — rugiu de novo Ulgulu, enraivecido. Dado que a sua tribo de duendes tinha vindo a reduzir-se — uns mortos pelos humanos da aldeia ou por outros monstros, outros comidos por Ulgulu durante os seus habituais ataques de fúria —, o pequeno bando de gnolls tornara-se a principal força de captura do antro.

Kempfana lançou um olhar retorcido ao irmão maior. Tinham vindo juntos para o Plano Material, dois barghest whelps, para comerem e crescerem. Ulgulu tinha prontamente reclamado o predomínio, devorando as mais fortes das vítimas e, assim, tornando-se maior e mais forte. Pela cor da pele de Ulgulu, e pelo seu simples tamanho e força, era evidente que o whelp poderia em breve regressar aos grandes vales de Gehenna.

Kempfana ansiava por esse dia. Quando Ulgulu se fosse, seria ele a reinar; comeria e ficaria mais forte e então também ele poderia escapular-se deste período interminável de caça neste maldito plano, e poderia regressar para competir entre os barghests no seu adequado plano de existência.

— Mortos — rugiu Ulgulu mais uma vez. — Levanta-te, maldito duende, e diz-me como! Quem fez isso aos meus gnolls?

Nathak encolheu-se por mais um minuto, mas depois conseguiu pôr-se de joelhos.

— Não sei — choramingou o duende. — Os gnolls estão mortos, trespassados e retalhados.

Ulgulu recuou nos calcanhares dos seus pés enormes e macios. Os gnolls tinham saído para atacar uma quinta, com ordens para regressarem com o agricultor e o filho mais velho. Essas duas robustas refeições humanas teriam fortalecido o grande barghest consideravelmente, levando até, talvez, Ulgulu ao nível de maturidade necessário para poder regressar a Gehenna.

Agora, à luz do relato de Nathak, Ulgulu teria de enviar Lagerbottoms, ou talvez de ir ele mesmo, e a visão do gigante ou do monstro de pele púrpura poderia levar a aldeia humana a acções organizadas e perigosas.

— Tephanis! — rugiu Ulgulu subitamente.

Ao fundo, na parede mais distante, frente ao local onde Ulgulu fizera

a sua entrada retumbante, uma pequena pedrinha saiu do sítio e caiu. A queda era de apenas uns centímetros, mas quando a pedra chegou ao chão um esguio duende veloz já tinha saído da pequena reentrância que usava como quarto, atravessara os três metros da sala de audiências e corraera para o lado de Ulgulu, para se sentar confortavelmente sobre o imenso ombro do barghest.

— Chamaste-me! Chamaste-me, pois, meu senhor! — soprava Tephannis muito rapidamente. Os outros nem sequer se tinham ainda apercebido de que o duende veloz de sessenta centímetros tinha entrado na sala. Kempfana virou-se, sacudindo a cabeça espantado.

Ulgulu riu-se com estrépito; gostava tanto de ver o espectáculo de Tephannis, seu mais apreciado servo... Tephannis era um quickling, um duende veloz diminuto que se movia numa dimensão que transcendia o conceito normal de tempo. Possuindo energia imparável e uma agilidade que envergonharia o mais experiente ladrão halfling, os quicklings conseguiam desempenhar muitas tarefas que nenhuma outra raça poderia sequer tentar. Ulgulu tornara-se amigo de Tephannis logo no início da sua estada no Plano Material — Tephannis era o único de entre os diversos residentes do antro sobre quem o barghest não clamava domínio — e essa ligação dera ao jovem whelp uma vantagem clara sobre o irmão. Com Tephannis a sondar em busca de novas vítimas potenciais, Ulgulu sabia exactamente quais devorar e quais deixar para Kempfana, e sabia exactamente como vencer contra aqueles aventureiros mais fortes do que ele.

— Caro Tephannis — ronronou Ulgulu numa estranha espécie de som arranhado. — Nathak, o pobre Nathak — e o duende não deixou de perceber as implicações daquela menção — informou-me de que os meus gnolls encontraram um desastre.

— E-tu-queres-que-eu-vá-ver-o-que-lhes-aconteceu, meu-senhor — respondeu Tephannis. Ulgulu precisou de um momento para decifrar a cadeia quase ininteligível de palavras, e depois assentiu vivamente com a cabeça. — É-para, já-meu-mestre. Volta-já.

Ulgulu sentiu um leve estremecer no ombro esquerdo, mas quando ele, ou qualquer outro, percebeu o que Tephannis tinha dito, a pesada cortina que separava a sala de audiências da antecâmara já estava a regressar à sua posição normal de novo. Um dos duendes espreitou lá para dentro por apenas um momento, para ver se Kempfana ou Ulgulu o tinham chamado, e depois regressou à sua posição, pensando que o movimento da cortina fosse apenas um golpe de ar.

Ulgulu rugiu de novo numa gargalhada estrepitosa; Kempfana lançou-lhe um olhar enojado. Odiava o duende veloz e tê-lo-ia morto havia muito tempo, não fora o facto de não poder ignorar os benefícios poten-

ciais e presumindo que Tephanis trabalharia para ele quando Ulgulu regressasse a Gehenna.

Nathak começou a recuar, pé ante pé, pretendendo retirar-se silenciosamente da sala. Ulgulu fê-lo parar com um olhar.

— O teu relatório prestou-me bom serviço — começou o barghest. Nathak descontraiu-se, mas apenas durante o momento que a grande mão de Ulgulu demorou a avançar, apanhar o duende pela garganta e levantá-lo do chão. — Mas ter-me-ia servido melhor se tivesses tido o cuidado de descobrir o que aconteceu aos meus gnolls!

Nathak ficou estonteado e quase desmaiou, e quando quase metade do seu corpo já estava enfiado na boca esfaimada de Ulgulu, desejou que tivesse mesmo desmaiado.

* * *

— Esfrega o rabo, alivia a dor. Se paras ela volta. Esfrega o rabo, alivia a dor. Se paras ela volta — repetia Liam Thistledown continuamente. Era uma litania para esquecer a sensação de ardor por baixo dos calções, uma litania que o traquinas Liam conhecia bem demais. Mas desta vez era diferente, com Liam a admitir realmente, para si mesmo, ao fim de algum tempo, que se tinha escapulado às suas tarefas. — Mas o drizzit é verdade — resmungava desafiadoramente Liam.

Como que em resposta a esta declaração, a porta da cabana abriu-se apenas uma nesga e Shawno, o segundo irmão mais novo a seguir a Liam, e Eleni, a única irmã, entraram.

— Desta vez, arranjaste-a bonita — troçou Eleni na sua melhor voz de irmã mais velha. — Já não bastava fugires às tuas tarefas quando há tanto trabalho para fazer, e ainda vens com essas invenções!

— O drizzit é verdade — protestou Liam, não apreciando nada os ares maternais de Eleni. Liam conseguia arranjar sarilhos suficientes com os pais, não precisava ainda dos conselhos sábios, *a posteriori*, de Eleni. — Era preto como a bigorna do Connor e tinha um leão igualmente preto.

— Calados, vocês dois — avisou Shawno. — Se o pai descobre que estamos aqui fora a falar disso, levamos umas vergastadas, todos nós.

— Drizzit... — suspirou Eleni, em tom de dúvida.

— É verdade! — protestou Liam demasiado alto e recebendo em resposta uma bofetada de Shawno. Viraram-se os três, com os rostos muito corados, quando a porta se abriu completamente.

— Entra para aqui! — sussurrou asperamente Eleni, agarrando Flanny, que era um pouco mais velho que Shawno, mas três anos mais novo que ela, pelo colarinho e puxando-o para dentro da cabana. Shawno, que era

sempre o que mais se preocupava com tudo, meteu rapidamente a cabeça lá fora, para se certificar de que não estava ninguém a vê-los, e depois fechou a porta com cuidado.

— Não devias estar a espiar-nos! — rallhou Eleni.

— Como soubeste que eu estava lá fora? — retorquiu Flanny. — Vim só para me meter aqui com o minorca — olhou para Liam, retorceu os lábios e agitou os dedos ameaçadoramente no ar. — Cuidado! Cuidado! — cantarolava. — Sou o drizzit e venho comer rapazinhos!

Liam virou-lhe costas, mas Shawno não estava assim tão impressionado.

— Ora, cala-te! — disse para Flanny, dando ênfase às palavras com um carolo na cabeça do irmão.

Flanny virou-se para retaliar, mas Eleni pôs-se entre os dois.

— Parem com isso! — gritou Eleni, tão alto que os quatro irmãos Thisledown levaram imediatamente um dedo aos lábios para dizer:

— Chiu!

— O drizzit é verdade — protestou Liam mais uma vez. — Posso provar isso, se não tiverem demasiado medo!

Os três irmãos olharam para ele com curiosidade. Era um grande traquinas, sabiam-no bem, mas que teria ele a ganhar com isto? O pai não tinha acreditado nele, e isso era a única coisa que importava, no que dizia respeito ao castigo. Porém, Liam continuava a jurar a pés juntos, e o tom com que o fazia dizia-lhes a todos que havia alguma substância por detrás da afirmação.

— Como podes tu provar o drizzit? — perguntou Flanny.

— Amanhã não temos tarefas — respondeu Liam. — Iremos à montanha apanhar mirtilos.

— A mãe e o pai nunca nos deixam ir — atalhou Eleni.

— Mas se fosses tu, ele acreditava! — respondeu Liam excitadamente, suscitando um novo coro de «chius».

— Não acredito em ti — respondeu Eleni calmamente. — Estás sempre a inventar coisas, sempre a arranjar sarilhos e depois a mentir para te escapares.

Liam cruzou os pequenos braços sobre o peito e bateu com um pé impacientemente perante o imparável fio lógico da irmã.

— Mas vais acreditar em mim — rosnou Liam —, se conseguires que o Connor também venha!

— Ah, faz isso! — pediu Flanny a Eleni, embora Shawno, pensando nas possíveis consequências, abanasse a cabeça.

— Suponhamos que vamos, então, à montanha... — disse Eleni para Liam, incentivando-o a continuar e revelando assim a sua concordância.

Liam sorriu de orelha a orelha e pôs um joelho no chão, reunindo

um monte de serradura onde pudesse desenhar um mapa aproximado da área onde tinha encontrado o drizzit. O plano era simples: usar Eleni, que andaria casualmente a apanhar mirtilos, como isco. Os quatro irmãos segui-la-iam em segredo e ficariam a observar enquanto ela fingiria ter torcido um tornozelo, ou algo assim. Os gritos de aflição tinham feito aparecer o drizzit da primeira vez; decerto com uma bonita rapariguinha como isco o drizzit voltaria a aparecer.

Eleni hesitou perante esta ideia, nada entusiasmada com a ideia de ser usada como isco.

— Mas se não acreditas em mim, de qualquer maneira... — notou Liam rapidamente. O sorriso inevitável, completado por um buraco no sítio onde um dente tinha sido partido, mostrou que a teimosia de Eleni a tinha encurralado.

— Pronto, eu faço isso, então! — inchou Eleni. — E não acredito no teu drizzit, Liam Thistledown! Mas se o leão for real, e se eu for mordida, garanto que te trato da saúde!

E com isto, Eleni virou costas e saiu da cabana.

Liam e Flanny cuspiram nas mãos e depois olharam desafiadores para Shawno, até este vencer os seus receios. Depois, os três irmãos uniram as mãos numa palmada triunfante e húmida. Quaisquer desentendimentos entre eles pareciam sempre desaparecer assim que um deles conseguia encontrar maneira de incomodar Eleni.

Nenhum deles falou a Connor acerca da planeada caça ao drizzit. Em vez disso, Eleni lembrou-lhe os muitos favores que ele lhe devia e prometeu-lhe que consideraria essa dívida paga integralmente — mas só depois de Liam ter concordado assumir essa dívida caso não encontrassem o drizzit —, se Connor os levasse a todos a apanhar mirtilos.

Connor resmungou e hesitou, protestando com uma égua que precisava de ser ferrada, mas nunca conseguia resistir aos olhos azuis da irmã e ao seu sorriso encantador; e a promessa dela de liquidar a dívida considerável dele convenceu-o. Com a bênção dos pais, Connor levou os irmãos Thistledown para as montanhas, com baldes nas mãos deles e uma espada rudimentar pendurada no cinturão dele.

* * *

Drizzit percebeu a artimanha que estava a ser preparada muito antes sequer de a jovem filha do agricultor avançar sozinha para o silvado onde havia mirtilos. Viu, também, os quatro rapazes Thistledown, agachados nas sombras de um grupo de plátanos próximos, com Connor brandindo uma espada rudimentar com não muita perícia.

O mais novo trouxera-os até ali, Drizzt sabia disso. No dia anterior, o drow vira o rapazito a ser arrastado para a cabana. Os gritos de «drizzit!» tinham-se feito ouvir entre cada açoite, pelo menos inicialmente. Agora, o teimoso rapaz tinha de provar a sua história mirabolante.

A apanhadora de mirtilos parou subitamente, depois caiu e gritou. Drizzt reconheceu no grito de «socorro!» o mesmo apelo que o rapaz de cabelo cor de areia tinha usado na véspera, e um sorriso rasgou-se-lhe no rosto negro. Pela forma ridícula como a rapariga tinha caído, Drizzt percebeu a artimanha. A rapariga não estava magoada; estava simplesmente a chamar pelo drizzit.

Com um incrédulo abanar da sua espessa cabeleira branca, Drizzt começou a afastar-se, mas um impulso súbito fê-lo parar. Voltou a olhar para a faixa de silvas dos mirtilos, onde a rapariga estava sentada a massajar o tornozelo, ao mesmo tempo que olhava em volta nervosamente, e de vez em quando para trás, para onde os irmãos estavam escondidos. Algo retesou os nervos de Drizzt nesse momento; um impulso a que não poderia resistir. Quanto tempo tinha estado sozinho, vagueando sem companhia? Ansiava por Belwar nesses momentos, pelo svirfnebli que o tinha acompanhado durante tantos momentos difíceis na selva do Subescuro. Ansiava por Zaknafein, seu pai e seu amigo. Ver a interacção entre aqueles irmãos que se estimavam era mais do que Drizzt Do'Urden conseguia aguentar.

Chegara o momento de Drizzt Do'Urden conhecer os seus vizinhos.

Puxou o capuz da capa exageradamente grande de gnoll por cima da cabeça, embora a peça esfarrapada pouco fizesse para esconder a verdade da sua herança, e avançou pelo terreno. Esperava que, se conseguisse pelo menos contrariar a reacção inicial da rapariga quando o visse, pudesse encontrar alguma maneira de comunicar com ela. Essas esperanças eram, no mínimo, optimistas.

— O drizzit! — murmurou Eleni, quase sem fôlego, quando o viu a aproximar-se. Queria gritar bem alto, mas não tinha ar. Queria fugir, mas o terror mantinha-a imóvel.

De entre as árvores, Liam falou em lugar dela:

— O drizzit! — gritou o rapaz. — Eu bem vos disse! Eu bem disse!

Olhou para os irmãos, e Flanny e Shawno estavam a ter a esperada reacção de excitação. A cara de Connor, porém, mostrava uma expressão de tão profundo horror que bastou a Liam olhar uma vez para lhe retirar toda a alegria.

— Pelos deuses! — murmurou o filho mais velho Thistledown.

Connor tinha já feito algumas expedições com o pai e fora treinado para detectar inimigos. Olhou para os três confusos irmãos e murmurou uma única palavra que nada explicava aos inexperientes rapazes:

— Drow!

Drizzt parou a uns dez passos da rapariga assustada, que era a primeira fêmea humana que jamais vira de perto, e estudou-a. Eleni era bonita, pelos padrões de qualquer raça, com uns grandes olhos suaves, com as faces marcadas por covinhas e uma pele macia e dourada. Drizzt sabia que não haveria ali nenhum combate. Sorriu para Eleni e cruzou os braços gentilmente sobre o peito.

— Drizzt — corrigiu, apontando para o peito. Um movimento mais ao lado fê-lo virar-se.

— Foge, Eleni! — gritou Connor Thistledown, brandindo a espada e carregando sobre o drow. — É um elfo negro! Um drow! Foge, pela tua vida!

De tudo o que Connor gritou, Drizzt apenas percebeu a palavra «drow». A atitude e intenções do jovem, porém, não podiam ser mal interpretadas, porque Connor carregava a direita entre ele e Eleni, com a espada apontada a Drizzt. Eleni conseguiu pôr-se de pé atrás do irmão, mas não fugiu como lhe tinha sido dito para fazer. Também ela já ouvira falar dos elfos negros, e não deixaria Connor enfrentar um deles sozinho.

— Vai-te embora, elfo negro — rugiu Connor. — Sou experiente no manejo da espada e muito mais forte do que tu.

Drizzt estendeu as mãos, impotente, sem perceber uma única palavra.

— Volta para trás! — gritava Connor.

Num impulso, Drizzt tentou responder no código silencioso drow, uma intrincada linguagem de gestos das mãos e expressões faciais.

— Está a lançar um encantamento! — gritou Eleni, mergulhando entre as silvas. Connor rugiu e avançou.

Antes que Connor percebesse sequer o que estava a acontecer, Drizzt agarrou-o pelo antebraço, usou a outra mão para torcer o pulso do rapaz e retirar-lhe a espada, fez rodopiar a arma rudimentar por cima da cabeça de Connor por três vezes, depois fê-la saltar da mão magra e entregou-a de novo, com o punho voltado para a frente.

Drizzt abriu os braços e sorriu. Nos usos drow, essa demonstração de superioridade sem provocar ferimentos no oponente demonstrava sempre um desejo de amizade. Para o filho mais velho do agricultor Bartholomew Thistledown, a exibição estonteante do drow apenas inspirara terror.

Connor ficou quieto, de boca aberta, por um longo momento. A espada caiu-lhe da mão, mas nem deu por isso; as calças, molhadas, caíram-lhe até às coxas, mas ele nem deu por isso.

Um grito irrompeu de agures no fundo de Connor. Agarrou Eleni, que se lhe uniu no grito, e correram de volta para as árvores, para se unirem aos

outros, e depois fugiram para mais longe, correndo sem parar até entrarem pela porta de casa.

Drizzt foi deixado ali, com o sorriso a apagar-se do rosto, de braços abertos, sozinho no meio de um silvado de mirtilos.

* * *

Um par de olhos estonteantemente rápidos observara a cena no silvado com algo mais do que um mero interesse casual. A inesperada aparição de um elfo negro, e especialmente de um elfo negro com uma capa de gnoll, respondera a muitas perguntas de Tephanis. O quickling já tinha examinado os cadáveres dos gnolls, mas os ferimentos destes não se enquadravam com as armas rudimentares geralmente usadas pelos simples aldeões. Vendo as duas magníficas cimitarras que o elfo negro trazia à cinta e a facilidade com que tinha desarmado o rapaz da aldeia, Tephanis soube a verdade.

O rasto de poeira deixado pelo quickling teria confundido os melhores *rangers* dos Reinos. Tephanis, que nunca era um duende vulgar, ziguezagueou pelos trilhos da montanha, fazendo círculos em volta de algumas árvores, subindo e descendo outras, e de uma maneira geral duplicando o trajecto, ou mesmo triplicando-o. A distância nunca o preocupava; já estava diante do whelp de pele púrpura antes que Drizzt, ponderando as implicações daquele desastroso encontro, tivesse deixado o silvado.



4 PREOCUPAÇÕES

A perspectiva do agricultor Bartholomew Thistledown mudou consideravelmente quando Connor, seu filho mais velho, definiu o «drizzit» de Liam como um elfo negro. Thistledown passara todos os seus quarenta e cinco anos em Maldobar, uma aldeia a setenta quilómetros a montante do Rio do Orc Morto, a norte de Sundabar. O pai de Bartholomew vivera ali, e o pai dele antes dele. Em todo esse tempo, as únicas notícias que qualquer agricultor Thistledown tivera alguma vez acerca de elfos negros fora a lenda de um alegado raide drow a um pequeno acampamento de elfos selvagens, a uns cento e cinquenta quilómetros mais a norte, em Coldwood. Esse raide, se é que chegara a ser perpetrado pelos drow, ocorrera mais de uma década antes.

A falta de experiência pessoal com a raça drow não fazia diminuir os receios do agricultor Thistledown ao ouvir os filhos a contarem a história do encontro no silvado. Connor e Eleni, duas fontes de confiança e com idade suficiente para se manterem lúcidos num momento de crise, tinham visto o elfo de perto, e não tinham dúvidas quanto à cor da sua pele.

— A única coisa que eu não consigo perceber bem — disse Bartholomew a Benson Delmo, o gordo e alegre presidente da câmara de Maldobar, e a outros agricultores reunidos em sua casa nessa noite — é porque razão este drow deixou as crianças fugirem. Não sou especialista nos usos dos elfos negros, mas ouvi falar o suficiente deles para esperar um tipo de atitude diferente.

— Talvez Connor se tenha saído melhor no seu ataque do que ele pró-

prio acreditou — sugeriu Delmo, com algum tacto. Todos tinham ouvido a história de como Connor tinha sido desarmado. Liam e os outros filhos Thistledown, excepto o pobre Connor, evidentemente, gostavam especialmente de contar repetidamente essa parte da história.

Por muito que apreciasse o voto de confiança do presidente da câmara, Connor abanou a cabeça enfaticamente perante essa ideia.

— Ele derrotou-me completamente — admitiu. — Talvez eu tenha ficado demasiado espantado quando o vi, mas ele derrotou-me; sem dificuldade.

— O que não é fácil — acrescentou Bartholomew, calando quaisquer murmúrios jocosos por parte da pequena assembleia. — Todos já vimos Connor a combater. Ainda no último inverno derrotou três duendes e os lobos em que cavalgavam!

— Calma, meu bom Thistledown — interveio o presidente. — Não temos dúvidas das proezas do teu filho.

— Eu tenho dúvidas acerca de verdade do inimigo! — atalhou Roddy McGristle, um homem do tamanho de um urso e com tanto pêlo como ele, e que era o mais experiente em combate de entre todos eles. Roddy passara mais tempo nas montanhas do que a tratar da sua quinta, trabalho recente de que não gostava particularmente, e sempre que alguém oferecia uma recompensa por umas orelhas de orc, Roddy recolhia invariavelmente a maior parte dos prémios, que eram muitas vezes mais avultados do que a riqueza de toda a aldeia junta. — Baixa a crista — disse Roddy para Connor quando este começou a levantar-se, com um protesto veemente pronto a sair. — Eu sei o que tu dizes que viste, e acredito que viste o que dizes. Mas chamaste-lhe drow, e esse nome implica muito mais do que imaginas. Se fosse um drow o que encontraste, calculo que tu e os teus irmãos estariam agora mortos nesse silvado. Não, não creio que fosse um drow; mas há outras coisas nessas montanhas que poderiam fazer o que disseste que este fez.

— Quais? — perguntou Bartholomew, carrancudo, não apreciando as dúvidas que Roddy lançara sobre a história do filho. Bartholomew não gostava muito de Roddy, aliás. O agricultor Thistledown mantinha uma família respeitável, e sempre que o rude e espalhafatoso Roddy McGristle ia visitá-lo, isso exigia a Bartholomew e à mulher muitos dias a relembrar aos filhos, e especialmente a Liam, o comportamento correcto que deveriam ter.

Roddy limitou-se a encolher os ombros, não se ofendendo com o tom de Bartholomew.

— Duende, troll... Pode até ter sido algum elfo da floresta que apanhou demasiado sol...

O riso de Roddy no final desta última declaração espalhou-se a todo o grupo, aliviando a tensão.

— Então, como havemos de saber ao certo? — interrogou Delmo.

— Saberemos quando o encontrarmos — propôs Roddy. — Amanhã de manhã... — e apontou para todos os homens sentados à volta da mesa de Bartholomew — saímos e veremos o que pudermos ver.

Considerando a improvisada reunião como terminada, Roddy bateu com as mãos abertas na mesa e pôs-se de pé. Olhou para trás antes de chegar à porta e lançou uma piscadela de olho e um sorriso sem dentes para o grupo.

— E, meus rapazes — disse —, não se esqueçam das vossas armas!

A gargalhada de Roddy ficou com o resto do grupo até muito depois de o rude homem das montanhas já ter partido.

— Podíamos chamar um *ranger* — sugeriu um dos outros agricultores, esperançado, enquanto o grupo começava a desfazer-se. — Ouvi dizer que há um em Sundabar, uma das irmãs de Lady Alustriel.

— É um bocadinho cedo para isso — respondeu o presidente Delmo, apagando todos os sorrisos otimistas.

— Alguma vez será demasiado cedo, quando se trata de um elfo negro? — interveio rapidamente Bartholomew.

O presidente encolheu os ombros.

— Vamos com McGristle — respondeu. — Se alguém consegue encontrar alguma verdade na montanha, é ele — e virou-se para Connor com delicadeza. — Acredito na tua história, Connor. Acredito sinceramente. Mas temos de ter a certeza antes de pedirmos a ajuda de alguém tão ilustre como uma irmã da Senhora de Silvermoon.

O presidente e os restantes agricultores partiram, deixando Bartholomew, o pai deste, Markhe, e Connor cabisbaixos, num estado de espírito que sugeria ao mesmo tempo raiva e vergonha.

Bartholomew deu uma palmadinha nas costas do filho, sem duvidar dele.

* * *

Numa caverna no alto da montanha, Ulgulu e Kempfana tinham também passado uma noite de preocupações devido ao aparecimento do elfo negro.

— Se é um drow, tem de ser um aventureiro experiente — disse Kempfana ao irmão. — Talvez suficientemente experiente para levar Ulgulu à maturidade.

— E de regresso a Gehenna! — concluiu Ulgulu. — Desejas tão ardentemente ver-me partir!

— Também tu anseias pelo dia em que possas regressar aos nossos vales fumarentos — lembrou-lhe Kempfana.

Ulgulu rosnou, mas não respondeu. O aparecimento de um elfo negro suscitava muitas considerações e receios que iam para além da simples afirmação lógica de Kempfana. Os barghests, como todas as criaturas inteligentes em quase todos os planos de existência, conheciam os drow e mantinham um saudável respeito por essa raça. Embora um drow pudesse não ser grande problema, Ulgulu sabia que um grupo de combate de elfos negros, ou talvez mesmo um exército inteiro, poderiam ser desastrosos. Os whelps não eram invulneráveis. A aldeia humana proporcionara alvos fáceis para os barghest whelps, e assim poderia continuar por mais algum tempo, se Ulgulu e Kempfana fossem cuidadosos nos seus ataques. Mas se um bando de elfos negros aparecesse, essas caçadas fáceis poderiam desaparecer muito rapidamente.

— Temos de tratar do drow — notou Kempfana. — Se é um batedor, não pode regressar para levar informações.

Ulgulu lançou um olhar gélido para o irmão, e depois chamou o seu quickling.

— Tephanis — gritou. E o quickling já estava no ombro dele antes mesmo que terminasse a palavra.

— Precisas-que-eu-vá-matar-o-drow-meu-senhor — respondeu o quickling. — Percebo-o-que-precisas-que-eu-faça!

— Não! — gritou imediatamente Ulgulu, percebendo que o quickling pretendia partir imediatamente. Tephanis já ia a chegar à porta quando Ulgulu ainda estava a terminar a palavra, mas regressou rapidamente para o ombro dele, antes mesmo que o último som do grito se dissipasse.

— Não — disse outra vez Ulgulu, agora mais calmamente. — Pode haver vantagens no aparecimento do elfo negro.

Kempfana percebeu o sorriso malévolo de Ulgulu e as suas intenções.

— Um novo inimigo para a gente da aldeia — raciocinou o whelp mais pequeno. — Um novo inimigo para encobrir as matanças de Ulgulu?

— Todas as coisas podem ser transformadas em vantagens — respondeu malevolamente o barghest whelp de pele púrpura. — Até mesmo o aparecimento de um elfo negro — acrescentou depois para Tephanis.

— Desejas-saber-mais-sobre-o-drow-meu-senhor — disparou Tephanis excitadamente.

— Está sozinho? — perguntou Ulgulu. — Será o batedor de um grupo maior, como receamos, ou será um guerreiro isolado? Que intenções tem ele em relação à gente da aldeia?

— Podia-ter-morto-as-crianças — insistiu Tephanis. — Suponho-que-deseje-amizade-com-eles.

— Eu sei — rosnou Ulgulu. — Já me sublinhaste isso antes. Agora vai e descobre mais! Preciso de mais do que as tuas suposições, Tephanis, e

segundo todas as indicações, as acções de um drow raramente sugerem as suas verdadeiras intenções.

Tephanis deslizou do ombro de Ulgulu e fez uma pausa, esperando por mais instruções.

— Na verdade, caro Tephanis... — ronronou Ulgulu. — Vê se consegues apossar-te de uma das armas do drow e trazer-ma. Mostrar-se-ia útil... — mas calou-se quando se apercebeu do ligeiro abanar da cortina que fechava a sala.

— É mesmo um pequeno duende muito excitado — notou Kempfana.

— Mas tem a sua utilidade — respondeu Ulgulu.

E Kempfana teve de concordar.

* * *

Drizzt viu-os vir na sua direcção, a um quilómetro e meio. Dez agricultores armados seguiam o jovem que tinha encontrado no silvado no dia anterior. Embora conversassem e trocassem piadas, o passo que usavam era determinado e as armas estavam bem à vista, e obviamente prontas a ser postas em acção. Ainda mais insidioso, e caminhando mais ao lado do grupo, vinha um homem de peito largo e rosto sombrio, envolto em peles grossas, brandindo um machado finamente trabalhado e conduzindo dois grandes cães amarelos presos por grossas correntes.

Drizzt queria estabelecer mais contactos com os aldeões, queria ardentemente prosseguir os eventos que colocara em marcha no dia anterior e saber se teria, finalmente, encontrado um lugar a que pudesse chamar seu lar, mas este encontro que se aproximava, percebeu logo, não seria a ocasião para tais objectivos. Se os agricultores o encontrassem, haveria decerto sarielhos, e embora não estivesse muito preocupado com a sua própria segurança contra aquele bando desajeitado, mesmo tendo em conta o caçador de rosto sombrio, receava, isso sim, que algum dos agricultores ficasse ferido.

Drizzt decidiu que a sua missão nesse dia era evitar o grupo e negar-se à curiosidade deles. O drow conhecia a diversão perfeita para atingir esse objectivo. Colocou a estatueta de ónix no chão e convocou Guenhwyvar.

Um ligeiro silvo mais ao lado, seguido de um restolhar da vegetação, distraiu o drow por apenas um instante enquanto a habitual névoa rodopiava em volta da estatueta. Mas não viu nada de perigoso a aproximar-se, e rapidamente esqueceu o assunto. Tinha problemas mais urgentes, pensou.

Quando Guenhwyvar chegou, Drizzt e o felino desceram o trilho para lá do silvado, que era por onde supunha que os agricultores começariam a busca. O plano era simples: deixaria os agricultores andar por ali por algum tempo, deixaria o filho do agricultor contar mais uma vez a sua história no

local. Então, Guenhwyvar apareceria junto ao silvado e levaria o grupo a entrar numa perseguição fútil. A pantera de pelagem negra poderia lançar algumas dúvidas sobre a história do rapaz; possivelmente, os homens mais velhos presumiriam que as crianças tinham encontrado o felino, e não um elfo negro, e que as suas imaginações tinham fornecido os restantes pormenores. Era uma aposta, mas, pelo menos, Guenhwyvar poderia lançar algumas dúvidas sobre a existência do elfo negro e afastaria o grupo de caça de Drizzt por algum tempo.

Os agricultores chegaram ao silvado no momento esperado, com alguns deles de rosto sombrio e prontos para combater, mas com a maioria do grupo a conversar descontraidamente e a rir. Encontraram a espada perdida de Connor e Drizzt viu, abanando a cabeça, o filho do agricultor a reencenar os acontecimentos da véspera. Notou também que o possante caçador do grande machado, que ouvia a história sem parecer muito convencido, rodeava o grupo com os seus cães, apontando para vários pontos no terreno e incitando os cães a farejar. Drizzt não tinha nenhuma experiência de lidar com cães, mas sabia que muitas criaturas tinham sentidos superiores e que podiam ser usadas como auxiliares numa caçada.

— Vai, Guenhwyvar — murmurou Drizzt, não querendo esperar até que os cães apanhassem um rasto claro.

A grande pantera desceu silenciosamente o trilho e tomou posição numa das árvores do mesmo grupo onde os rapazes se tinham escondido na véspera. O súbito rugido de Guenhwyvar calou as conversas do grupo instantaneamente, e todas as cabeças se voltaram para as árvores.

A pantera saltou para o silvado, passou mesmo à frente dos humanos estupefactos, e saiu disparada em direcção às rochas íngremes da montanha. Os agricultores recompuseram-se e começaram a perseguição, chamando o homem dos cães para que tomasse a dianteira. Depressa todo o grupo, com os cães a ladrar freneticamente, se afastou dali, e Drizzt desceu para o grupo de árvores junto ao silvado, para ponderar nos acontecimentos do dia e o melhor rumo a tomar a seguir.

Pensou que havia um ruído como um silvo a segui-lo, mas descartou o assunto pensando que se trataria de algum insecto.

* * *

Pelas atitudes confusas dos cães, não demorou muito para que Roddy McGristle percebesse que a pantera não era a mesma criatura que deixara um rasto no silvado. Além disso, Roddy percebeu que os seus companheiros desajeitados, e especialmente o obeso presidente da câmara, mesmo com a sua ajuda, tinham poucas hipóteses de apanhar o grande felino; a pantera

podia saltar por cima de ravinas que os agricultores demorariam muitos minutos a atravessar.

— Sigam! — disse para o resto do grupo. — Persigam essa coisa por este trilho. Vou levar os meus cães para o outro lado e cortar-lhe o caminho. Empurrem-no para mim!

Os agricultores gritaram em concordância e afastaram-se, e Roddy puxou as correntes dos cães e fê-los virar.

Os cães, treinados para caçar, queriam prosseguir, mas o amo tinha outro percurso em mente. Vários pensamentos preocupavam Roddy nesse momento. Andava naquelas montanhas havia trinta anos, mas nunca vira ou ouvira falar de um felino assim. Além disso, embora a pantera pudesse já ter facilmente deixado os seus perseguidores para trás, parecia aparecer sempre bem à vista e não muito longe, como se estivesse a incitar os agricultores a segui-la. Roddy sabia reconhecer uma manobra de diversão quando a via, e tinha uma boa suspeita de onde poderia estar a esconder-se o verdadeiro perpetrador. Fez calar os cães e regressou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, em direcção ao silvado.

* * *

Drizzt estava encostado a uma árvore, sob as sombras da densa copa, e interrogava-se sobre como poderia voltar a expor-se perante os agricultores sem causar mais pânico entre eles. Durante os dias que passara a observar a família de agricultores convencera-se de que poderia encontrar um lugar entre os humanos, deste ou de qualquer outro lugar, se apenas os conseguisse convencer de que as suas intenções não eram perigosas.

Um silvo ao seu lado distraiu-o subitamente dessas cogitações. Desembainhou rapidamente as cimitarras e depois qualquer coisa passou por ele como um relâmpago, demasiado rápida para que pudesse reagir. Gritou com uma súbita dor no pulso, e uma cimitarra foi-lhe retirada. Confuso, olhou para a ferida, esperando ver uma seta cravada bem fundo na carne.

Mas a ferida era limpa e não havia lá nada. Uma risada aguda fê-lo virar-se para a direita. Ali estava o duende veloz, com a cimitarra de Drizzt descontraidamente pendurada de um ombro, quase a tocar no chão ao lado da diminuta criatura, e com um punhal a pingar sangue na outra mão.

Drizzt ficou muito quieto, a tentar adivinhar o movimento seguinte daquela coisa. Nunca vira um quickling, ou sequer ouvira falar daquelas invulgares criaturas, mas já fazia alguma ideia da vantagem do seu rápido oponente. Mas antes que o drow conseguisse formar algum plano para derrotar o quickling, outro inimigo apareceu.

Drizzt soube, assim que ouviu o ladrar, que o seu grito de dor o tinha

denunciado. O primeiro dos possantes cães de Roddy McGristle apareceu entre os arbustos, carregando a direita contra o drow. O segundo, poucos passos atrás do primeiro, saltou direito à garganta de Drizzt.

Desta vez, porém, Drizzt foi mais rápido. Rodopiou a cimitarra que lhe restava, golpeando a cabeça do primeiro cão e batendo-lhe no crânio. Sem hesitações, atirou-se para trás, invertendo a posição da espada e colocando-a acima da cara, em linha com o cão que vinha pelo ar na sua direcção. O punho da cimitarra apoiou-se com força contra o tronco da árvore e o cão, incapaz de parar o salto, foi embater contra a lâmina, empalando-se pela garganta e peito. O impacto fez saltar a cimitarra da mão de Drizzt, e cão e espada caíram num arbusto ao lado da árvore.

Drizzt mal tinha ainda recuperado quando Roddy apareceu de rompante.

— Mataste os meus cães! — rugiu o grande homem da montanha, lançando Bleeder, o seu enorme machado, em direcção à cabeça do drow. O golpe foi espantosamente rápido, mas Drizzt conseguiu desviar-se para o lado. O drow não conseguia perceber uma palavra da torrente de imprecações de McGristle, e percebeu que o exaltado homem não entenderia nenhuma palavra sua, nem qualquer explicação que tentasse propor.

Ferido e desarmado, a única defesa de Drizzt era continuar a esquivar-se. Um novo golpe quase o apanhou, cortando até o manto de gnoll. Mas encolheu a barriga e o machado raspou levemente pela cota de malha. Dançou para um lado, em direcção a um pequeno grupo de árvores mais pequenas, onde julgava que a sua maior agilidade lhe daria alguma vantagem. Tinha de tentar cansar o enraivecido humano, ou pelo menos levá-lo a reconsiderar o seu brutal ataque. Mas a ira de McGristle não esmorecia. Carregava a direita contra Drizzt, rosnando e golpeando com o machado a cada passo.

Drizzt via agora os inconvenientes do seu plano. Embora se pudesse manter afastado do corpo possante de McGristle, metendo-se entre as árvores muito juntas umas das outras, o machado dele conseguia picar entre as árvores com grande rapidez.

A poderosa arma surgiu de lado, ao nível dos ombros. Drizzt deixou-se cair no chão desesperadamente, escapando por pouco à morte. McGristle não pôde abrandar o golpe a tempo e a pesada e fortemente encantada arma embateu contra o tronco de um plátano jovem, abatendo a árvore.

O ângulo fechado do tronco abatido prendeu o machado de Roddy. Este rosnava e tentava arrancar a arma do tronco, mas não se apercebeu do perigo senão no último momento. Conseguiu afastar-se do peso do tronco

em queda, mas ficou soterrado sob a copa da árvore. Os ramos arranharam-lhe a cara e a cabeça, formando uma teia à sua volta e pregando-o ao chão.

— Maldito sejas, drow! — rugiu McGristle, sacudindo-se futilmente na sua prisão natural.

Drizzt rastejou para longe, ainda agarrando o pulso ferido. Encontrou a cimitarra que lhe restava, enterrada até ao punho no infeliz animal. Essa visão pesou a Drizzt; sabia bem o valor dos animais companheiros. Demorou vários instantes, de coração partido, a puxar a espada do corpo do cão, instantes que se tornaram ainda mais dramáticos porque o outro cão, que estava apenas atordoado, começava a mexer-se de novo.

— Maldito sejas, drow! — rugiu McGristle de novo.

Drizzt percebeu a referência à sua herança genética, e podia adivinhar o resto. Queria ajudar o homem caído, pensando que poderia abrir caminho a uma comunicação algo mais civilizada, mas não lhe pareceu que o cão que estava a acordar estivesse tão disposto a iniciar uma conversa. Dando uma olhadela em volta, à procura do duende que dera origem a tudo aquilo, Drizzt arrastou-se para longe dali e fugiu para a montanha.

* * *

— Devíamos ter apanhado aquela coisa! — resmungava Bartholomew Thistledown enquanto o grupo regressava ao silvado. — Se McGristle tivesse estado onde disse que iria estar, teríamos apanhado de certeza o felino! Mas afinal onde anda aquele líder de matilha?

Um rugido de «drow! drow!» vindo dos plátanos respondeu à pergunta de Bartholomew. Os agricultores correram, para encontrarem Roddy ainda colado ao chão pela árvore tombada.

— Maldito drow! — queixava-se Roddy. — Matou o meu cão! Maldito drow!

Assim que ficou livre da árvore deitou a mão ao ouvido esquerdo, mas descobriu que a orelha já lá não estava.

— Maldito drow! — rugiu de novo.

Connor Thistledown deixou toda a gente ver bem o orgulho que lhe regressava perante a confirmação da sua história, tantas vezes posta em causa. Mas o mais velho dos filhos Thistledown era o único contente com a inesperada proclamação de Roddy McGristle. Os outros agricultores eram mais velhos do que Connor; percebiam as sinistras implicações de terem um elfo negro nas imediações.

Benson Delmo, limpando o suor da testa, não escondeu a forma como recebia esta notícia. Virou-se imediatamente para o agricultor ao seu lado,

um homem mais novo conhecido pelas suas proezas a criar e a montar cavalos.

— Vai a Sundabar — comandou o presidente da câmara. — Arranja-nos um *ranger*, imediatamente!

Em poucos minutos, Roddy foi libertado da árvore. Nessa altura, o cão ferido já tinha regressado para junto dele, mas saber que um dos seus valiosos cães tinha sobrevivido pouco fez para acalmar o rude homem.

— Maldito drow! — rugiu Roddy provavelmente pela milésima vez, limpando o sangue da cara. — Vou apanhar um maldito drow!

Deu ênfase às palavras lançando Bleeder, com uma só mão, para o tronco de outro plátano próximo, quase fazendo cair também essa árvore.



A PERSEGUIÇÃO DA MORTE

Os guardas duendes saltaram para os lados quando o poderoso Ulgulu abriu a cortina e saiu do complexo de grutas. O ar livre e cortante da noite na montanha soube bem ao barghest, e melhor ainda quando pensou na tarefa que tinha por diante. Olhou para a cimitarra que Tephanis trouxera, e a arma bem trabalhada pareceu pequena na enorme mão de pele escura de Ulgulu.

Ulgulu deixou cair a arma, desgostado. Não queria usá-la nessa noite; o barghest queria pôr as suas próprias armas mortíferas — garras e dentes — em ação, saborear as suas vítimas e devorar-lhes a essência da vida, para se poder tornar mais forte. Ulgulu era, no entanto, uma criatura inteligente — e o seu lado racional depressa se impôs aos instintos básicos que tanto ansiavam pelo sabor do sangue. Havia uma finalidade no trabalho dessa noite, um método que prometia maiores ganhos e a eliminação da ameaça muito real que o aparecimento do elfo negro trouxera.

Com um rugido gutural, pequeno protesto das suas ânsias mais profundas, o barghest apanhou a cimitarra outra vez e desceu a encosta da montanha, cobrindo grandes distâncias com cada passo. O monstro parou junto à beira de uma ravina, onde um único trilho descia serpenteando ao longo da face do penhasco. Levaria muitos minutos a seguir aquele trilho perigoso.

Mas Ulgulu estava faminto.

A consciência de Ulgulu recolheu sobre si mesma, concentrando-se naquele ponto do seu ser que flutuava com energia mágica. Não era uma cria-

tura do Plano Material, e as criaturas extra-planares traziam inevitavelmente consigo poderes que pareceriam mágicos às criaturas do plano anfitrião.

Os olhos de Ulgulu brilhavam a laranja com a excitação quando emergiu do transe alguns instantes depois. Espreitou para a ravina, vendo um ponto plano no solo mais em baixo, a talvez uns quatrocentos metros de distância.

Uma porta multicolorida e faiscante apareceu diante dele, pairando no ar logo à frente da ravina. O riso de Ulgulu soava mais como um rugido; abriu a porta e deparou, logo do outro lado, com o local que visualizara antes. Avançou, saltando a distância material até ao fundo da ravina com um único passo extra-dimensional.

Continuou a avançar, descendo a montanha em direcção à aldeia humana. Corria excitadamente, desejoso de pôr em acção as engrenagens do seu plano cruel.

Enquanto o barghest se aproximava das colinas mais baixas da montanha, voltou a encontrar esse recanto mágico da sua mente. Os passos de Ulgulu abrandaram, e depois a criatura parou por completo, sacudindo-se espasmodicamente e murmurando algo indecifrável. Havia ossos a estalar enquanto se uniam, pele que se deformava e retorcia, escurecendo até ficar quase preta.

Quando Ulgulu recomeçou a caminhar, os seus passos — os passos de um elfo negro — já não eram tão largos como antes.

* * *

Bartholomew Thistledown estava sentado junto do pai, Markhe, e do filho mais velho, nessa noite, na cozinha da quinta isolada a oeste de Maldobar. A mulher e a mãe de Bartholomew tinham ido ao celeiro recolher os animais para a noite, e os quatro filhos mais novos estavam nas suas camas, no pequeno quarto ao lado da cozinha.

Numa noite normal, o resto da família Thistledown, todas as três gerações, também já estaria a ressonar aconchegadamente nas suas camas. Mas Bartholomew receava que muitas noites haveriam ainda de passar antes que alguma normalidade regressasse à sua pacífica quinta. Um elfo negro fora avistado na área, e embora Bartholomew não estivesse convencido de que esse estranho tivesse más intenções — porque o drow poderia facilmente ter morto Connor e os irmãos — sabia que o aparecimento do drow causaria agitação em Maldobar durante bastante tempo.

— Podíamos regressar para a aldeia — propôs Connor. — Arranjar-nos-iam um lugar para ficar, e toda a Maldobar estaria do nosso lado.

— Do nosso lado? — respondeu Bartholomew com sarcasmo. — E iam

deixar as suas quintas todos os dias para virem aqui ajudar-nos a manter o trabalho em dia? Qual deles, achas tu, seria capaz de vir até aqui, todas as noites, para tratar dos animais?

A cabeça de Connor caiu perante a resposta do pai. Levou uma mão ao punho da espada, para lembrar a si mesmo que já não era uma criança. Mesmo assim, ficou silenciosamente agradecido pela mão que o avô lhe colocou sobre o ombro.

— Tens de pensar, rapaz, antes de dizeres essas coisas — prosseguiu Bartholomew, com um tom que se ia amenizando à medida que se apercebia do efeito profundo que as suas palavras bruscas tinham causado no filho. — A quinta é o sangue das nossas veias, a única coisa que importa.

— Podíamos pelo menos mandar os mais pequenos... — propôs Markhe. — O rapaz tem razão em recear, com um elfo negro a andar por aí.

Bartholomew virou costas e deixou cair o queixo resignadamente sobre uma mão. Detestava a ideia de separar a família. A família era a fonte da sua força, como sempre fora durante cinco gerações de Thistledowns, e mais para trás ainda. No entanto, aqui estava Bartholomew a censurar Connor, embora o rapaz tivesse falado apenas em prol do bem da família.

— Devia ter pensado melhor, pai — ouviu Connor a murmurar, e soube que o seu próprio orgulho não poderia manter-se perante a consciência da dor de Connor. — Desculpa.

— Não precisas de pedir desculpas — respondeu Bartholomew, voltando-se de novo para os outros. — Quem deve pedir desculpa sou eu. Estamos todos com os nervos à flor da pele por causa deste elfo negro. A tua ideia estava certa, Connor. Estamos demasiado isolados aqui para estarmos em segurança.

Como em resposta, ouviu-se um forte estalido de madeira a quebrar e um grito abafado veio de fora da casa, da direcção do celeiro. Nesse único momento horrível, Bartholomew Thistledown percebeu que deveria ter tomado aquela decisão mais cedo, enquanto a luz do dia ainda dava à família alguma protecção.

Connor foi o primeiro a reagir, correndo para a porta e abrindo-a. O eirado defronte da porta estava mortalmente silencioso, e nem o trinado de uma cigarra perturbava aquela cena surrealista. Uma Lua silenciosa pairava no céu, lançando longas e sinistras sombras de cada árvore e cada cerca. Connor olhou, sem se atrever a respirar, durante um segundo que pareceu durar uma hora.

A porta do celeiro deu mais um estalido e caiu dos gonzos. Um elfo negro avançou daí em direcção à casa.

Connor fechou a porta e encostou-se a ela, precisando daquele apoio tangível.

— A mãe... — murmurou para os rostos estupefactos do pai e do avô.
— O drow...

Os Thistledown mais velhos hesitaram, com as mentes num turbilhão de mil ideias horríveis. Saltaram em simultâneo dos seus lugares, Bartholomew para ir buscar a sua arma e Markhe avançando para Connor e para a porta.

Essa acção súbita libertou Connor da sua paralisia. Puxou da espada e abriu a porta, tencionando sair e enfrentar o intruso.

Um único impulso das suas poderosas pernas trouxera Ulgulu directamente até à porta da casa. Connor carregou para fora da porta às cegas, embatendo na criatura — que tinha a aparência de um magro drow — e caiu para trás, atónito, para a cozinha. Antes que qualquer um dos homens pudesse reagir, a cimitarra abatera-se no alto da cabeça de Connor com toda a força do barghest que a empunhava, quase abrindo o jovem ao meio de alto a baixo.

Ulgulu entrou na cozinha sem oposição. Viu o homem mais velho — o inimigo restante mais fraco — a avançar para ele, e convocou a sua natureza mágica para derrotar esse ataque. Uma onda de emoções abateu-se sobre Markhe Thistledown, uma onda de desespero e de terror tão grandes que não podia lutar contra ela. A boca enrugada abriu-se-lhe num grito surdo e Markhe cambaleou para trás, contra uma parede, lançando as mãos ao peito, impotente.

O ataque de Bartholomew Thistledown trazia consigo a força de uma raiva indómita. O agricultor rugia e lançava sons ininteligíveis enquanto avançava com uma forquilha em direcção ao intruso que lhe matara o filho.

A silhueta esguia assumida pelo barghest não diminuía a força gigantesca de Ulgulu. Quando os dentes da forquilha se aproximaram do peito da criatura, Ulgulu agarrou simplesmente com uma mão o cabo da alfaia. Bartholomew estacou de repente, com a outra ponta da arma a pressionar agora contra o seu estômago, tirando-lhe o fôlego.

Talvez Markhe o tenha visto a avançar, ou talvez o idoso Thistledown estivesse demasiado dilacerado pela dor e pela angústia para perceber alguma coisa do que se estava a passar na cozinha. Ulgulu dirigiu-se a ele e abriu bem a boca. Queria devorar o velho, banquetear-se com a força de vida deste homem, tal como se tinha banqueteadado com a mulher mais nova no celeiro. Ulgulu lamentara essa sua atitude no celeiro assim que o êxtase da matança se dissipara. De novo o lado racional do barghest tomou o lugar das necessidades mais básicas. Com um rugido frustrado, Ulgulu enfiou a cimitarra no peito de Markhe, pondo fim ao sofrimento do velho.

Olhou em volta, para apreciar o seu sinistro trabalho, lamentando não se ter banqueteadado com os agricultores mais jovens e fortes, mas lembran-

do a si mesmo os ganhos superiores que as suas acções nessa noite viriam a proporcionar. Um grito confuso fê-lo avançar para o quarto ao lado, onde as crianças dormiam.

* * *

Drizzt desceu das montanhas no dia seguinte, hesitante. O pulso latejava-lhe no local onde o duende o tinha esfaqueado, mas a ferida estava limpa e tinha confiança em que acabaria por sarar. Agachou-se num arbusto da colina logo atrás da casa dos Thistledown, pronto para tentar outro encontro com as crianças. Drizzt já vira demasiado da comunidade humana, e passara já demasiado tempo sozinho, para agora desistir. Era aqui que pretendia fazer o seu lar, se conseguisse ultrapassar as óbvias barreiras do preconceito, bem evidentes no homem possante com os cães ferozes.

Do ângulo em que se encontrava, não conseguia ver a porta destruída do celeiro, e tudo parecia estar como devia na quinta, à luz fraca da alvorada.

No entanto, os agricultores não saíram quando o Sol nasceu, enquanto sempre os vira sair a essa hora. Um galo cantou e vários animais deram sinais de vida, no celeiro, mas a casa continuava em silêncio. Drizzt sabia que isto era invulgar, mas pensou que o encontro do dia anterior nas montanhas talvez tivesse levado os agricultores a esconder-se. Talvez a família tivesse abandonado a quinta completamente, procurando abrigo no aglomerado maior de casas da aldeia. Estes pensamentos pesavam fortemente a Drizzt; mais uma vez, tinha perturbado as vidas dos que o rodeavam simplesmente por ter mostrado a cara. Recordou-se de Blingdenstone, a cidade dos gnomos svirfnebli, e do tumulto e do potencial perigo que o seu aparecimento tinha provocado.

O dia solarengo clareou, mas uma brisa fria descia das montanhas. Nem uma pessoa apareceu no eirado diante da casa, nem dentro dela, tanto quanto Drizzt conseguia perceber. O drow observava tudo, cada vez mais preocupado a cada segundo que passava.

Um silvo familiar distraiu-o das suas cogitações. Sacou a cimitarra que lhe restava e olhou em volta. Desejava poder chamar Guenhwyvar, mas ainda não tinha passado tempo suficiente desde a última vez que a chamou. A pantera precisava de descansar no seu lar astral durante mais um dia antes de ter forças suficientes para voltar a caminhar ao lado de Drizzt. Não vendo nada perto de si, deslocou-se para entre os troncos de duas grandes árvores, numa posição mais defensável contra a velocidade estonteante do duende.

O silvo desapareceu daí a um instante, e o duende veloz não se via em lado nenhum. Drizzt passou o resto desse dia movimentando-se entre

aqueles arbustos, colocando armadilhas e cavando pequenos fossos. Se ele e o duende tivessem de se enfrentar de novo, o drow estava determinado a que o resultado do confronto fosse diferente, desta vez.

As sombras cada vez mais longas e o céu avermelhado a oeste voltaram a chamar a atenção de Drizzt para a quinta dos Thistledown. Não havia luzes acesas dentro da casa.

Estava cada vez mais preocupado. O regresso daquele malévolo duende recordara-lhe vivamente os perigos daquela região, e com a inactividade continuada da quinta, um receio começou a crescer nele, ganhou raízes e rapidamente se tornou uma sensação de terror.

O crepúsculo transformou-se em noite. A Lua subiu no céu e prosseguiu a sua viagem para leste. Nenhuma luz se acendera ainda na casa dos Thistledown, e não vinha um único som das janelas escuras.

Drizzt deslizou para fora dos arbustos e atravessou a correr o pequeno terreno das traseiras. Não tinha intenção de se aproximar da casa; desejava apenas ver o que podia descobrir. Talvez os cavalos e a pequena carroça do agricultor não estivessem lá, o que comprovaria a suposição que fizera de que a família fora à procura de abrigo na aldeia.

Quando virou a esquina e viu a porta do celeiro destruída, soube instintivamente que estava enganado. Os seus receios cresciam a cada passo que dava. Espreitou pela porta do celeiro e não ficou surpreendido ao ver a carroça no centro e os estábulos cheios de cavalos.

Ao lado da carroça, no entanto, estava caída a mulher mais velha, coberta de sangue. Drizzt aproximou-se e viu imediatamente que estava morta, assassinada por uma arma afiada. Os seus pensamentos lembraram-lhe imediatamente o malévolo duende e a sua própria cimitarra roubada. Quando encontrou o outro cadáver, atrás da carroça, soube que um outro monstro qualquer, algo mais malévolo e poderoso, estava implicado nisto. Drizzt não conseguiu sequer identificar esse segundo corpo, meio devorado.

Correu do celeiro para a casa, desdenhando todas as precauções. Encontrou os corpos dos homens Thistledown na cozinha e, para seu derradeiro horror, as crianças ainda deitadas nas suas camas, mas demasiado quietas. Ondas de repulsa assolaram o drow quando olhou melhor para os jovens corpos. A palavra «drizzit» ecoou-lhe dolorosamente na cabeça, perante a visão de um rapazito de cabelos cor de areia.

O tumulto das emoções de Drizzt era demasiado forte. Tapou os ouvidos, tentando não ouvir mais aquela maldita palavra, «drizzit!», mas esta ecoava interminavelmente, lembrando-lhe tudo, perseguindo-o.



PARTE 2

A RANGER

Haverá alguma coisa em todo o mundo que pese mais sobre os ombros de uma pessoa do que a culpa? Senti esse fardo muitas vezes, transportei-o comigo durante longas caminhadas, por estradas intermináveis.

A culpa assemelha-se a uma espada de dois gumes. De um lado, corta pela justiça, impondo uma moralidade prática àqueles que a recebem. A culpa, consequência da consciência, é o que separa as pessoas boas das más. Perante uma situação que prometa ganhos, a maioria dos drow podem matar-se uns aos outros, sejam familiares ou não, e prosseguem o seu caminho sem qualquer fardo emocional. O assassino drow pode rezear a retribuição, mas não derramará uma lágrima pela sua vítima.

Para os humanos — e para os elfos da superfície, e para todas as outras raças mais bondosas — o sofrimento imposto pela consciência é geralmente superior a quaisquer ameaças exteriores. Alguns concluiriam por isso que a culpa — a consciência — é a diferença primordial entre as diversas raças dos Reinos. Nesse aspecto, a culpa deve ser considerada uma força positiva.

Mas há um outro lado dessa emoção pesada. A consciência nem sempre adere ao juízo racional. A culpa é sempre um fardo auto-imposto, mas nem sempre é imposto com justiça. Assim foi para mim na minha viagem de Menzoberranzan para Icewind Dale. Trazia comigo, de Menzoberranzan, a culpa pela mor-

te de Zaknafein, meu pai, sacrificado em meu lugar. Levei até Blingdenstone a culpa por Belwar Dissengulp, o svirfnebli que o meu irmão mutilara. Ao longo dos muitos caminhos, surgiram muitos outros fardos: Clacker, morto pelo monstro que me procurava a mim; os gnolls, chacinados pela minha própria mão; e os agricultores — a maior dor de todas — essa simples família assassinada pelo barghest whelp.

Racionalmente, sabia que a culpa não era minha, que essas acções estavam para lá da minha capacidade de acção, ou, em certos casos, como acontecera com os gnolls, até agira correctamente. Mas a racionalidade é fraca defesa contra o peso da culpa.

Com o tempo, incentivado pela confiança de amigos leais, vi-me livre de alguns desses fardos. Outros permanecem, e permanecerão para sempre. Aceito isto como inevitável, e uso esses fardos para me guiarem nos meus passos futuros.

Esse, creio, é o verdadeiro propósito da consciência.

— Drizzt Do'Urden



Oh, já basta, Fret! — disse a mulher alta para o anão vestido com uma túnica branca e com barbas igualmente claras, sacudindo as mãos dele para longe. Correu os dedos pelo cabelo negro e espesso, despenteando-o consideravelmente.

— Tss, tss — respondeu o anão, levando imediatamente as mãos de novo até ao ponto manchado da capa da mulher. Esfregava freneticamente, mas a agitação constante da *ranger* impedia-o de fazer muito. — Ora, senhora Falconhand, creio que faria bem em consultar uns quantos livros sobre boas maneiras.

— Acabo de chegar de Silverymoon — respondeu Dove Falconhand indignada, piscando um olho para Gabriel, o outro guerreiro presente na sala, e que era um homem alto e de rosto severo. — Uma pessoa tem tendência a sujar-se um pouco na estrada.

— Há quase uma semana! — protestou o anão. — Foste ao banquete de ontem à noite com esta mesma capa!

O anão reparou então que, na sua tentativa frenética de limpar a capa de Dove, sujara a sua própria túnica de seda, e essa catástrofe desviou-lhe as atenções da *ranger*.

— Querido Fret... — prosseguiu Dove, lambendo um dedo e esfregando-o descontraidamente na nódoa da capa. — És o mais invulgar dos servos.

O rosto do anão ficou vermelho como uma beterraba e bateu com um pequeno chinelo no chão de ladrilhos.

— Servo? — bufou. — Deixe que lhe diga...

— Diz lá! — riu-se Dove.

— Sou o mais completo... Um dos mais completos sábios do norte! A minha tese relativa à devida etiqueta em banquetes inter-radiais...

— Ou a falta da devida etiqueta... — não pôde deixar de interromper Gabriel. O anão virou-se para ele, indignado. — Pelo menos no que diz respeito a anões — terminou o alto guerreiro com um inocente encolher de ombros.

O anão tremia visivelmente e os seus chinelos faziam uma dança de respeito sobre o chão.

— Oh, querido Fret — propôs Dove, pousando uma mão reconfortante no ombro do anão e deixando-a depois correr pela barba amarela e perfeitamente aparada.

— Fred! — retorquiu o anão secamente, afastando a mão da *ranger*. — Fredegar!

Dove e Gabriel olharam um para o outro por um breve momento de cumplicidade, e depois gritaram ambos a alcunha do anão, numa explosão de risos:

— Rebenta-pedras!

— Fredegar Molha-a-Pena seria mais correcto! — acrescentou Gabriel. Um olhar para o anão irado disse ao homem que já estava para lá da hora de se ir embora, e por isso pegou na trouxa e saiu apressadamente da sala, fazendo apenas uma pausa para lançar uma piscadela de olho final a Dove.

— Só queria ajudar! — O anão enfiou as mãos nuns bolsos incrivelmente fundos e deixou cair a cabeça para a frente.

— E ajudaste! — gritou Dove, reconfortando-o.

— Quero dizer... Tens uma audiência com Helm Anão-amigo — prosseguiu Fret, recuperando algum orgulho. — Uma pessoa deve estar bem limpa quando vai ver o Senhor de Sundabar.

— De facto, assim é — concordou Dove prontamente. — Mas tudo o que tenho para vestir é o que está à tua frente, querido Fret, sujo e manchado das estradas. Receio que não farei muito boa figura perante o Senhor de Sundabar. Ele e a minha irmã tornaram-se tão amigos... — foi a vez de Dove fingir um ponto vulnerável. E embora a sua espada tivesse transformado muitos gigantes em comida para abutres, a forte *ranger* sabia jogar este jogo melhor do que ninguém. — Que hei-de eu fazer? — inclinou a cabeça num gesto de curiosidade enquanto olhava para o anão. — Talvez... — sugeriu. — Se ao menos...

A cara de Fret começou a iluminar-se perante a sugestão.

— Não... — disse Dove com um suspiro. — Não poderia nunca impor-te uma coisa dessas.

Fret saltitava literalmente de alegria, batendo as mãos grossas.

— Podes, sim, Senhora Falconhand! Podes sim!

Dove mordeu o lábio para conter outra risada enquanto o excitado anão deslizava para fora da sala. Embora se metesse muitas vezes com ele, Dove admitia prontamente que adorava o pequeno anão. Fret passara muitos anos em Silverymoon, onde reinava a sua irmã, e fizera muitas contribuições para a famosa biblioteca que lá existia. Fret era, de facto, um sábio bem conhecido, famoso pelas suas extensas investigações sobre os costumes das diversas raças, tanto boas, como más, e era especialista em assuntos semi-humanos. Era também um compositor refinado. Quantas vezes, interrogou-se Dove com sincera humildade, cavalgara por um trilho de montanha assobiando uma alegre melodia composta por aquele mesmo anão?

— Querido Fret... — sussurrou a *ranger* baixinho quando o anão regressou, com um vestido de seda dobrado sobre um braço... Dobrado cuidadosamente para não tocar no chão. E com várias peças de joalharia e um par de sapatos na outra mão. Trazia ainda uma dúzia de alfinetes a sair de entre os lábios cerrados, e uma fita métrica pendurada de uma orelha.

Dove escondeu o sorriso e decidiu conceder ao anão esta batalha. Entraria com leveza na sala de audiências de Helm Anão-amigo, com um vestido de seda, a verdadeira imagem de uma dama, com o diminuto sábio inchando de orgulho ao seu lado.

Durante esse tempo todo, já sabia que os sapatos lhe apertariam os pés e que o vestido arranjará maneira de lhe fazer comichão nalgum ponto onde não poderia coçar. Mas eram os deveres da Estação, pensava Dove enquanto olhava para o vestido e para os acessórios. Olhou para o rosto radiante de Fret e percebeu que valia a pena todo aquele trabalho.

Eram também os deveres da amizade, pensou.

* * *

O agricultor cavalgara a direito durante mais de um dia; o avistamento de um elfo negro tinha muitas vezes esse efeito em simples aldeões. Levava dois cavalos de Maldobar; um deles, deixara-o já havia uma boa porção de quilómetros mais atrás, a meio caminho entre as duas cidades. Se tivesse sorte, encontraria o animal de boa saúde quando regressasse. O segundo cavalo, o seu prezado garanhão, começava a mostrar sinais de cansaço. Mesmo assim, o aldeão inclinava-se sobre a sela, incitando o cavalo a prosseguir. As tochas das patrulhas nocturnas de Sundabar, bem no alto das espessas muralhas da cidade, estavam já à vista.

— Pára e diz quem és! — chegou-lhe o grito formal do capitão da guarda dos portões quando o cavaleiro se aproximou, meia hora mais tarde.

* * *

Dove apoiou-se em Fret para se equilibrar, enquanto seguiam o servo de Helm Anão-amigo pelo longo e decorado corredor até à sala de audiências. A *ranger* era capaz de atravessar uma ponte de cordas sem corrimãos, era capaz de disparar o arco com uma pontaria letal montada num cavalo a galope, era capaz de trepar uma árvore vestida com uma armadura completa, de espada e escudo nas mãos. Mas não era capaz, apesar de toda a sua experiência e agilidade, de dominar os sapatos elegantes que Fret lhe enfiara à força nos pés.

— E este vestido... — sussurrou Dove exasperada, sabendo que a veste nada prática se rasgaria em seis ou sete pontos diferentes se precisasse de rodopiar a espada enquanto a usava. Aliás, bastar-lhe-ia respirar demasiado profundamente para que tudo se rasgasse.

Fret levantou os olhos para ela, magoado.

— Este vestido é certamente o mais belo... — recomeçou Dove, com cuidado para não provocar mais um acesso de ira no anão, muito composto. — A sério: não consigo encontrar palavras adequadas para expressar a minha gratidão, querido Fret.

Os olhos cinzentos do anão brilharam intensamente, ainda que não tivesse bem a certeza se acreditava nas palavras dela. Fosse como fosse, Fret considerou que Dove se importava o suficiente com ele para aceitar as suas sugestões, e esse facto era tudo o que lhe importava.

— Peço mil perdões, minha senhora — ouviu-se uma voz vinda de trás. — Toda a gente se voltou para trás, para ver o capitão da guarda da noite, com um agricultor ao lado, a avançar rapidamente pelo corredor.

— Meu bom capitão! — protestou Fret, perante a violação do protocolo. — Se desejas uma audiência com a Senhora, tens de te apresentar à entrada. Depois, só depois, e só se o Senhor o permitir, poderás...

Dove pousou uma mão no ombro do anão, para o calar. Reconhecia bem a urgência gravada nos rostos dos homens, uma expressão que a aventureira heroína vira já muitas vezes.

— Prossiga, capitão — disse Dove. Para apaziguar Fret, acrescentou: — Temos alguns instantes antes da nossa audiência O Senhor Helm não terá de esperar por nós.

O aldeão avançou com ousadia.

— Mil perdões, Senhora... — começou a dizer, com o chapéu nervosamente nas mãos. — Sou apenas um agricultor de Maldobar, uma pequena aldeia a norte de...

— Conheço Maldobar — garantiu-lhe Dove. — Muitas vezes já vi a

localidade do alto das montanhas. Uma bela e forte comunidade — o agricultor ficou radiante com a descrição de Dove. — Nenhum mal aconteceu a Maldobar, espero?

— Ainda não, Senhora — respondeu o aldeão. — Mas avistámos sarihos, sem sombra de dúvida — fez uma pausa e olhou para o capitão, em busca de apoio. — Drow.

— Quantos? — perguntou Dove.

— Apenas um, que tenhamos visto. Receamos que seja um batedor, ou um espião, mas coisa boa não anda a fazer, de certeza.

Dove assentiu com a cabeça.

— Quem o viu?

— Primeiro, crianças — respondeu o aldeão, suscitando um suspiro de Fret e levando-o a recommençar a bater com o pequeno pé no chão.

— Crianças? — desdenhou o anão.

A determinação do agricultor não vacilou.

— E depois McGristle também o viu — disse, olhando directamente para Dove. — E McGristle já viu muita coisa!

— O que é um McGristle? — bufou Fret.

— Roddy McGristle — respondeu Dove, com algum azedume, antes que o agricultor respondesse. — Um bem conhecido caçador de recompensas.

— O drow matou um dos cães de Roddy — acrescentou o homem excitadamente. — E quase matou Roddy! Fez-lhe cair uma árvore em cima! Roddy até perdeu uma orelha nessa refrega!

Dove não percebeu do que estava o agricultor a falar, mas, na verdade, também não precisava. Um elfo negro fora visto e confirmado na região, e esse simples facto bastava para pôr a *ranger* em acção. Descalçou os sapatos elegantes e entregou-os a Fret, e depois disse a um dos servos para ir imediatamente à procura dos seus companheiros de viagem, e a outro para transmitir ao Senhor de Sundabar as suas mais profundas desculpas.

— Mas... Senhora Falconhand! — gritou Fret.

— Não há tempo para delicadezas — respondeu Dove, e Fret pôde perceber na óbvia excitação dela que não estava muito desagradada por cancelar o encontro com Helm. Já estava a contorcer-se, tentando abrir o fecho do vestido magnífico.

— A tua irmã não vai gostar disto — resmungou Fret bem alto, sobrepondo-se ao bater do pé no chão.

— A minha irmã arrumou as bagagens há muito tempo — retorquiu Dove —, mas as minhas ainda têm fresco o pó das estradas.

— Lá isso... — resmungou o anão em concordância, mas não em aprovação.

— Pretende então vir? — perguntou o agricultor, esperançoso.

— Evidentemente — respondeu Dove. — Nenhum *ranger* digno desse nome ignoraria o avistamento de um elfo negro! Eu e os meus três companheiros partiremos para Maldobar esta noite mesmo, mas peço-te que fiques aqui, bom aldeão. Cavalgaste muito tempo, isso é óbvio, e precisas de descansar — Dove olhou em volta com curiosidade por um momento, e depois levou um dedo aos lábios cerrados.

— O que foi? — perguntou o amuado Anão.

O rosto de Dove iluminou-se quando o seu olhar caiu sobre Fret.

— Tenho pouca experiência em matéria de elfos negros — começou a dizer. — E os meus companheiros, tanto quanto sei, nunca lidaram com um deles — o sorriso cada vez mais aberto de Dove fez Fret recuar. — Anda lá, querido Fret — ronronou Dove ao ouvido do anão. Com os pés nus a baterem no chão sonoramente, conduziu Fret, o capitão e o aldeão de Maldobar pelo corredor até à sala de audiências de Helm.

Fret ficou confuso — e esperançado, por um momento — com a súbita mudança de direcção de Dove. Assim que ela começou a falar com Helm, amo de Fret, pedindo desculpas pela perturbação inesperada e pedindo a Helm que mandasse consigo alguém que pudesse ajudar na missão a Maldobar, o anão começou a compreender.

* * *

Quando o Sol abriu caminho até ao horizonte de leste, na manhã seguinte, o grupo de Dove, que incluía um arqueiro elfo e dois poderosos guerreiros humanos, já cavalgara mais de quinze quilómetros desde os portões de Sundabar.

— Umpf! — resmungou Fret quando a luz começou a aumentar de intensidade. Cavalgava um potente pónei Adbar ao lado de Dove. — Vê só como a lama já me sujou as minhas requintadas roupas! Vai ser decerto o fim de nós todos! Morrerei sujo numa estrada esquecida por toda a gente!

— Escreve uma canção acerca disso — sugeriu Dove, retribuindo os sorrisos dos outros três cavaleiros. — A «Balada dos Cinco Aventureiros Sufocados de Riso», assim deverá chamar-se!

O olhar zangado de Fret durou apenas o momento que demorou a lembrar-se de que Helm Anão-amigo, o próprio senhor de Sundabar, o tinha mandado acompanhar a expedição.



Na mesma manhã em que o grupo de Dove partiu pela estrada para Maldobar, Drizzt iniciou a sua própria viagem. O horror inicial da sinistra descoberta da véspera não diminuía, e o drow receava que nunca o fizesse. Mas outra emoção entrara-lhe agora na mente. Nada podia fazer pelos inocentes agricultores e pelos seus filhos, a não ser vingar as suas mortes. Esse pensamento não era muito agradável para Drizzt; deixara para trás o Subescuro e toda a sua selvajaria — ou, pelo menos, assim esperara. Mas com as imagens da carnificina tão horrivelmente claras na sua mente, e isolado como estava, só podia olhar para a sua cimitarra em busca de justiça.

Tomou duas precauções antes de partir em perseguição do assassino. Primeiro, deslizou de novo até à quinta, até às traseiras da casa, onde os agricultores tinham posto um arado avariado. A lâmina de metal era pesada, mas o determinado drow içou-a e levou-a consigo sem sequer pensar duas vezes no desconforto.

Depois, convocou Guenhwyvar. Assim que a pantera chegou e notou a expressão desgostada de Drizzt, colocou-se imediatamente em posição de alerta. Guenhwyvar já andava com Drizzt havia tempo suficiente para reconhecer aquela expressão e para acreditar que entrariam em combate antes que regressasse ao seu lar astral.

Partiram antes do alvorecer, com Guenhwyvar a seguir com facilidade o rasto do barghest, tal como Ulgulu já esperava. O passo que levavam era lento, com Drizzt a penar sob o peso do arado, mas constante, e assim que

Drizzt captou o som de um silvo distante, soube que tinha feito bem em trazer aquela alfaia desajeitada.

De qualquer forma, o resto da manhã passou sem incidentes. O trilho levava os companheiros até uma ravina rochosa e ao sopé de um penhasco alto e irregular. Drizzt receava ter de trepar aquele penhasco — deixando o arado para trás —, mas depressa notou um trilho estreito que serpenteava pela encosta acima. O caminho ascendente mantinha-se pouco inclinado, pois ziguezagueava pela face do penhasco, mas tinha muitas curvas perigosas e esquinas que tinham de ser feitas às cegas. Querendo usar o terreno em sua vantagem, Drizzt enviou Guenhwyvar bem à frente e avançou depois sozinho, arrastando o arado e sentindo-se vulnerável na face aberta do penhasco.

Essa sensação nada fez para aplacar o fogo que ardia lentamente nos olhos de alfazema de Drizzt. Um fogo que se via claramente a brilhar por debaixo do capuz da capa de gnoll.

Quando a visão da ravina que espreitava ao seu lado enervava o drow, bastava-lhe lembrar-se dos agricultores chacinados. Pouco depois, quando ouviu o já esperado silvo vindo de algures mais abaixo no trilho, limitou-se a sorrir.

O silvo depressa se aproximou, vindo de trás. Drizzt encostou-se à parede de rocha e desembainhou a cimitarra, avaliando cuidadosamente o tempo que o duende veloz demorava a aproximar-se.

Tephanis surgiu subitamente ao lado dele, com o pequeno punhal avançando à procura de uma abertura nos golpes defensivos da cimitarra. Daí a um instante, o duende desapareceu, avançando para lá de Drizzt, mas marcara um ponto, pois ferira-o num ombro.

Drizzt inspeccionou o ferimento e assentiu com a cabeça, com ar grave, aceitando o ferimento como uma mera inconveniência menor. Sabia que não conseguiria derrotar aqueles ataques rápidos como relâmpagos, e também sabia que permitir aquele primeiro golpe fora um passo necessário para a derradeira vitória. Um rugido mais acima no trilho voltou a colocá-lo em alerta. Guenhwyvar encontrara o duende e, com as suas garras rápidas, capazes de igualar a velocidade do quickling, decerto obrigara aquela coisa a voltar para trás.

Drizzt encostou-se de novo à parede de pedra, seguindo o silvo que se aproximava. Mesmo no momento em que o duende surgia na esquina, Drizzt saltou para a frente dele no trilho estreito, com a cimitarra pronta. A outra mão do drow dava menos nas vistas e segurava um pesado objecto metálico, pronta a colocá-lo de forma a fechar a passagem.

O veloz duende recuou para a parede, capaz de evitar com facilidade a cimitarra. Mas ao concentrar-se unicamente no alvo, o duende não reparou na outra mão do drow.

Drizzt mal conseguia ver os movimentos do duende, mas um súbito «bongue!» e fortes vibrações na sua mão enquanto a criatura esbarrava contra o arado fizeram aparecer um sorriso satisfeito nos seus lábios. Deixou cair o arado e apanhou o duende inconsciente pela garganta, mantendo-o bem firme no chão. Guenhwyvar surgiu à esquina nesse momento, enquanto o duende começava a sacudir a tontura da sua cabeça angulosa, com as longas e pontiagudas orelhas quase a cair para o outro lado da cabeça a cada movimento que fazia.

— Que criatura és tu? — perguntou Drizzt na língua dos duendes, a linguagem que resultara com os gnolls. Para sua surpresa, descobriu que o duende o entendia, embora a resposta muito aguda viesse demasiado rápida para que percebesse alguma coisa.

Deu ao duende um abanão para o calar, e depois rugiu:

— Uma palavra de cada vez! Como te chamas?

— Tephanis! — respondeu o duende, indignado. Tephanis conseguia mover as pernas cem vezes por segundo, mas isso não lhe servia de nada enquanto estava pendurado no ar. Olhou para baixo, para o estreito trilho e viu o pequeno punhal caído junto do arado.

A cimitarra de Drizzt aproximou-se dele perigosamente.

— Mataste os agricultores? — perguntou secamente. Quase lhe desferiu um golpe quando ouviu a gargalhadinha de resposta do duende.

— Não — respondeu Tephanis rapidamente.

— Então quem foi?

— Ulgulu! — afirmou o duende. Apontou para o topo do trilho e despejou uma enxurrada de palavras excitadas. Drizzt conseguiu apenas perceber algumas: «Ulgulu... à espera... jantar» eram as mais perturbantes.

Drizzt não sabia realmente o que fazer com o duende capturado. Tephanis era simplesmente demasiado rápido para que pudesse lidar com ele devidamente. Olhou para Guenhwyvar, que estava sentado descontraidamente apenas alguns metros adiante, mas a pantera limitou-se a bocejar e espreguiçar-se.

Drizzt estava prestes a fazer outra pergunta, para tentar perceber como se enquadrava Tephanis em todo aquele cenário, mas o atrevido duende achou que já tinha suportado o suficiente daquele encontro. Com as mãos a mexerem-se demasiado depressa para que Drizzt pudesse reagir, chegou a uma bota, tirou de lá outra faca e golpeou-o no pulso já ferido.

Desta vez, o atrevido duende subestimara o oponente. Drizzt não conseguiria igualar a velocidade do duende, nem sequer conseguia seguir com o olhar o pequeno punhal. Mas, apesar de as feridas serem dolorosas, estava demasiado cheio de raiva para se dar conta disso. Limitou-se a apertar o duende com mais força e aproximou ainda mais a cimitarra. Mesmo com

tão pouca mobilidade, Tephanis foi suficientemente rápido e ágil para se desviar do golpe, rindo-se alto enquanto o fazia.

Depois ripostou, cravando um golpe ainda mais fundo no antebraço de Drizzt. Por fim, o drow decidiu-se por uma tática que Tephanis não poderia contrariar, e que lhe retiraria toda a vantagem. Bateu com a criatura contra a parede de pedra e depois atirou-a, semi-desmaiada, para o fundo da ravina.

* * *

Algum tempo depois, Drizzt e Guenhwyvar estavam agachados nos arbustos na base de uma parede de pedra íngreme. No alto, por detrás de arbustos e ramagens cuidadosamente colocados, havia uma gruta e, de vez em quando, ouviam-se vozes de duendes. Ao lado da gruta, do lado do terreno que continuava a subir, havia depois um abismo. Para lá da gruta, a montanha subia num ângulo ainda mais elevado. Os trilhos, embora por vezes fossem raros na pedra nua, tinham levado Drizzt e Guenhwyvar até àquele local; não poderia haver dúvidas de que o monstro que tinha chacinado os agricultores estava naquela gruta.

Drizzt lutou de novo contra a sua decisão de vingar essas mortes. Teria preferido uma justiça mais civilizada, um tribunal com leis. Mas que havia de fazer? Certamente não podia regressar para junto dos aldeões humanos para contar as suas suspeitas, nem recorrer a mais ninguém. Agachado nos arbustos, voltou a pensar nos agricultores, no rapaz de cabelos cor de areia, na bonita rapariga, quase uma mulher, e no jovem rapaz que desarmara no silvado. Lutou com força por manter a respiração estável. No selvagem Subescuro cederia por vezes às suas pressões instintivas, ao lado mais negro de si mesmo que lutava com uma eficiência mortal e cruel, e conseguia sentir esse *alter-ego* a crescer dentro de si mais uma vez. Inicialmente, tentou sublimar a raiva, mas depois lembrou-se das lições que tinha aprendido. Este lado negro era uma parte dele, um instrumento de sobrevivência, e não era completamente mau.

Era necessário.

Compreendia, no entanto, a sua desvantagem nesta situação. Não fazia ideia de quantos inimigos encontraria, ou sequer de que tipo de monstros se trataria. Ouvia duendes, mas a matança na quinta indicava-lhe que havia alguma coisa mais poderosa implicada. O bom senso de Drizzt disse-lhe para ficar quieto e vigiar, para saber mais acerca dos seus inimigos.

Mas outro momento breve de recordações, e de novo a cena de matança na quinta, atiraram esse bom senso para um canto. Com a cimitarra numa mão e o punhal do duende na outra, Drizzt subiu a colina rochosa. Não

abrandou quando chegou perto da gruta, mas simplesmente abriu caminho pelos arbustos e entrou de rompante.

Guenhwyvar hesitou e observou-o, mais atrás, confundida pela tática tão inusitada do drow.

* * *

Tephanis sentiu o ar frio a afagar-lhe a cara e pensou por um momento que estava a desfrutar de um sonho agradável. O duende acordou rapidamente da sua ilusão e percebeu que estava a aproximar-se rapidamente do chão. Felizmente, não estava muito longe da parede rochosa. Pôs as mãos e os pés a agitar-se freneticamente, suficientemente rápidos para produzir um som de silvo constante, e raspou pela parede de rocha para abrandar a velocidade da descida. Entretanto, começou os encantamentos de levitação, que era talvez a única coisa que o poderia salvar.

Alguns segundos agonizantes passaram antes que o duende sentisse o corpo a flutuar devido ao encantamento. Caiu pesadamente no chão, mas percebeu que os ferimentos eram pouco graves.

Tephanis manteve-se relativamente lento e sacudiu-se. O seu primeiro pensamento foi ir avisar Ulgulu da aproximação do drow, mas reconsiderou imediatamente. Não conseguiria levitar até lá acima a tempo de avisar o barghest, e só havia um trilho até à gruta — que era onde estava o drow.

Tephanis não tinha vontade nenhuma de voltar a enfrentá-lo.

* * *

Ulgulu não tentara cobrir os seus rastros. O elfo negro cumprira tudo conforme o barghest queria. Agora, planeava fazer de Drizzt uma refeição; uma refeição que lhe traria a maturidade e lhe permitiria regressar a Gehenna.

Os dois guardas duendes de Ulgulu não ficaram nada surpreendidos perante a entrada de Drizzt. Ulgulu já os avisara de que deveriam esperar a chegada do drow e simplesmente atrasá-lo na antecâmara até que o barghest pudesse vir tratar dele. Os duendes pararam a conversa abruptamente, colocaram as lanças em cruz diante da cortina e incharam os peitos ossudos, seguindo tontamente as instruções do chefe enquanto Drizzt se aproximava.

— Ninguém pode entrar... — começou a dizer um deles, mas depois, com um único golpe da cimitarra de Drizzt, o duende e o seu companheiro caíram agarrados às gargantas rasgadas. A barreira das lanças desapareceu e Drizzt nem sequer abrandou o passo enquanto atravessava a barreira.

No meio da antecâmara, o drow viu o inimigo. Com a pele púrpura e de tamanho gigantesco, o barghest esperava de braços cruzados e com um sorriso confiante e malévolo.

Drizzt lançou o punhal e carregou logo atrás dele. Esse lançamento salvou-lhe a vida, porque quando o punhal passou inofensivamente pelo corpo do seu oponente, Drizzt percebeu a armadilha. Seguiu em frente, porém, incapaz de contrariar o balanço que levava, e a cimitarra atravessou a imagem sem encontrar nada que pudesse cortar.

O verdadeiro barghest estava atrás do trono de pedra ao fundo da sala. Usando outro poder do seu considerável repertório mágico, Kempfana enviava uma imagem sua para o centro da sala, para manter o drow no lugar.

Os instintos de Drizzt disseram-lhe imediatamente que tinha sido enganado. Aquilo que tinha à frente não era um monstro real, mas uma aparição destinada a mantê-lo em campo aberto e vulnerável. A sala estava escassamente mobilada, e nada havia por perto que proporcionasse abrigo.

Ulgulu, levitando por cima do drow, desceu rapidamente, parando suavemente atrás dele. O plano era perfeito e o alvo estava mesmo no sítio.

Drizzt, com os músculos e os reflexos treinados e habituados a lutar na perfeição, sentiu a presença e mergulhou para frente, para a imagem, enquanto Ulgulu desferia um pesado murro. A enorme mão do barghest apenas apanhou alguns cabelos de Drizzt, mas isso bastou para quase lhe arrancar a cabeça.

Drizzt deu meia volta ao corpo enquanto mergulhava, rebolando até se pôr de pé outra vez, mas agora de frente para Ulgulu. Deparou com um monstro ainda maior do que o da imagem, mas isso em nada intimidava o enraivecido drow. Como uma corda esticada ao máximo, Drizzt disparou imediatamente em direcção ao barghest. Quando Ulgulu ainda mal recuperara do seu inesperado falhanço, a cimitarra solitária de Drizzt já o tinha trespassado três vezes no estômago e recortado um buraco bem definido debaixo do queixo.

O barghest rugiu de raiva, mas não estava ferido com demasiada gravidade, pois a arma de fabrico drow de Drizzt perdera a maior parte da sua magia durante o tempo de permanência na superfície, e só armas mágicas — como as garras e presas de Guenhwyvar — poderiam verdadeiramente ferir com gravidade uma criatura de Gehenna.

A grande pantera abateu-se sobre a nuca de Ulgulu com força suficiente para o fazer cair de cara no chão. Nunca Ulgulu sentira uma dor como a que as garras de Guenhwyvar lhe provocavam agora na cabeça.

Drizzt avançava para se juntar a Guenhwyvar, quando ouviu um restolhar vindo do fundo da sala. Kempfana avançou de detrás do trono, rugindo o seu protesto.

Era a vez de Drizzt usar alguma magia. Lançou um globo de escuridão para o caminho do barghest de pele escarlate, e depois mergulhou ele próprio para dentro desse globo, pondo-se de gatas. Incapaz de abrandar, Kempfana entrou no globo rugindo, tropeçou no drow enroscado — batendo-lhe com força suficiente para lhe expulsar todo o ar dos pulmões — e caiu pesadamente do outro lado do globo de escuridão.

Kempfana abanou a cabeça para clarear as ideias e pousou as grandes mãos no chão, para se voltar a levantar. Num ápice, Drizzt estava sobre as costas do barghest, golpeando selvaticamente com a cimitarra. O sangue empapava o cabelo de Kempfana quando conseguiu por fim sacudir o drow de cima dele. Pôs-se de pé, cambaleando, e virou-se para enfrentar o drow.

* * *

Do outro lado da sala, Ulgulu rastejava, rebolava e contorcia-se. A pantera era demasiado rápida e demasiado ágil para os contragolpes pesados do gigante. Uma dúzia de golpes profundos rasgavam-lhe a cara e agora Guenhwyvar tinha os dentes cravados na nuca do gigante, e as quatro patas arranhando-lhe as costas.

Ulgulu ainda tinha, porém, outra opção. Os ossos *rangeram* e estalararam, a cara ferida de Ulgulu tornou-se um focinho alongado cheio de malévolo dentes carnívoros. Pelagem espessa começou a surgir por todo o corpo do gigante, evitando os ataques das garras de Guenhwyvar. Os braços enfraquecidos transformaram-se em patas ágeis.

Guenhwyvar lutava agora com um lobo gigantesco, e a vantagem da pantera terminara rapidamente.

* * *

Kempfana avançava agora cautelosamente, mostrando a Drizzt o devido respeito.

— Mataste-os todos — disse Drizzt na língua de duende, mas com a voz tão completamente gelada que fez o barghest estacar.

Kempfana não era uma criatura estúpida. O barghest reconheceu a raiva explosiva daquele drow e sentira a mordedura feroz da cimitarra. Percebeu que era melhor não avançar de caras, por isso fez apelo mais uma vez aos seus dotes do outro mundo. No piscar de um olho ardendo em tom laranja, o barghest de pele escarlate desapareceu, entrando numa porta extra-dimensional e reaparecendo atrás de Drizzt.

Assim que Kempfana desapareceu, Drizzt saltou instintivamente para o lado. O golpe vindo de trás chegou rápido, porém, abatendo-se nas cos-

tas do drow e lançando-o pela sala. Drizzt abateu-se com força contra a base de uma parede e pôs-se de joelhos, ofegante, quase sem conseguir respirar.

Kempfana avançou a direito, desta vez: o drow largara a cimitarra a meio da sala, demasiado longe para a poder recuperar a tempo.

* * *

O grande barghest-lobo, quase com o dobro do tamanho de Guenhwyvar, rebolou e pôs-se por cima da pantera. Grandes mandíbulas atacavam perto da garganta e do focinho da pantera, e Guenhwyvar debatia-se selvaticamente para as manter afastadas. Guenhwyvar não podia esperar vencer o lobo. A única vantagem que mantinha era a da agilidade. Como uma flecha negra, Guenhwyvar disparou de debaixo do lobo e em direcção à cortina.

Ulgulu uivou e foi em sua perseguição, rasgando a cortina e carregando em direcção à luz do crepúsculo.

Guenhwyvar saiu da gruta no momento em que Ulgulu rasgava a cortina, girou instantaneamente e saltou a direito para cima, para a parede íngreme por cima da gruta. Quando o grande lobo saiu, a pantera voltou a abater-se sobre ele e recomeçou os golpes e arranhões.

* * *

— Quem matou os agricultores foi Ulgulu, não fui eu — rosnava Kempfana enquanto se aproximava. Deu um pontapé à cimitarra, lançando-a para o outro lado da sala. — Ulgulu quer-te a ti. Quer quem lhe matou os gnolls. Mas vou ser eu a matar-te, guerreiro drow. Vou banquetear-me com a tua força vital, para poder ganhar mais força!

Drizzt ainda estava a tentar recuperar o fôlego, e mal ouvia estas palavras. Os únicos pensamentos que lhe ocorriam eram as imagens dos agricultores mortos, imagens que lhe davam coragem. O barghest aproximou-se mais e Drizzt lançou um olhar feroz, um olhar fixo e determinado, em nada diminuído pela situação obviamente desesperada em que o drow se encontrava.

Kempfana hesitou perante aqueles olhos semicerrados, que ardiam de ira, e esse atraso deu a Drizzt todo o tempo de que precisava. Já lutara contra monstros gigantes, e especialmente com horrores de garras. As cimitarras de Drizzt tinham sempre terminado esses combates, mas para os ataques iniciais usara sempre e apenas o seu corpo. A dor que sentia nas costas não era suficiente para apagar a raiva crescente. Correu para longe da parede,

mantendo-se agachado, e mergulhou entre as pernas de Kempfana, girando e agarrando-se atrás de um joelho do monstro.

Kempfana, despreocupado, inclinou-se para agarrar o fugidio drow. Drizzt esquivou-se das mãos do gigante o tempo suficiente para encontrar um ponto de apoio. Mesmo assim, Kempfana continuava a considerar os ataques como meros incómodos menores. Quando Drizzt o fez desequilibrar-se, Kempfana deixou-se cair, pensando que conseguiria esmagar o pequeno elfo. Mais uma vez, o drow foi demasiado rápido para o barghest. Deslizou de debaixo do gigante em queda, pôs os pés de novo no chão e correu para o lado oposto da sala.

— Não, não vais apanhá-la! — uivou Kempfana, rastejando e depois correndo em perseguição de Drizzt. No momento em que Drizzt apanhava a cimitarra, os braços gigantescos de Kempfana envolveram-no e levantaram-no facilmente do chão.

— Vou esmagar-te e trincar-te! — rugia Kempfana; e, de facto, Drizzt ouviu uma das suas costelas a estalar. Tentou contorcer-se de forma a ficar de frente para o inimigo, mas depois desistiu da ideia, concentrando-se, em vez disso, em libertar de novo a espada.

Mais uma costela cedeu; os grandes braços de Kempfana apertavam cada vez mais. O barghest não queria, porém, simplesmente matar o drow, apercebendo-se dos grandes ganhos em matéria de maturidade que poderia obter devorando um inimigo tão poderoso, alimentando-se da força vital de Drizzt.

— Trincar-te, drow! — ria-se o gigante. — Festim!

Drizzt agarrou a cimitarra com as duas mãos, com uma força inspirada pelas imagens da quinta. Conseguiu libertar a arma e fê-la girar por cima da cabeça. A lâmina mergulhou na boca escancarada de Kempfana e cravou-se-lhe na garganta.

Drizzt fê-la rodar e voltar a rodar.

Kempfana sacudia-se freneticamente e os músculos e articulações de Drizzt quase se desfizeram com o esforço. O drow encontrara porém o ponto onde se concentrar, que era o punho da cimitarra, e continuou a agitá-lo e a girá-lo.

Kempfana caiu pesadamente, gorgolejando, e rebolou para Drizzt, tentando esmagá-lo. A dor começou a deixar o drow semi-inconsciente.

— Não! — gritou, agarrando-se à imagem do rapaz de cabelos cor de areia, chacinado na cama. Continuou a sacudir e a rodar a cimitarra. O gorgolejar continuava, com um som de ar a atravessar uma torrente de sangue em que o gigante se afogava. Drizzt soube que a batalha estava ganha quando a criatura por cima dele parou de se mexer.

Quería apenas encolher-se e recuperar a respiração, mas disse a si mes-

mo que ainda não estava acabado. Rastejou de debaixo do monstro, limpou o sangue, o seu sangue, dos lábios, libertou a cimitarra da boca de Kempfana, sem cerimónias, e apanhou o punhal.

Sabia que as feridas eram graves, e que poderiam mesmo ser fatais se não tratasse delas imediatamente. A respiração continuava a vir-lhe com dificuldade, em soluços sanguinolentos. Mas nada disso o preocupava, porque Ulgulu, o monstro que tinha morto os agricultores, ainda vivia.

* * *

Guenhwyvar saltou das costas do lobo gigante, encontrando de novo um poiso instável na encosta íngreme por cima da gruta. Ulgulu girou, rugindo, e saltou para a pantera, deitando as garras às pedras num esforço por chegar mais acima.

Guenhwyvar saltou por cima do barghest-lobo, girou imediatamente e atacou Ulgulu nos quartos traseiros. O lobo rodou, mas Guenhwyvar saltou, aterrando de novo no declive por cima da gruta. Este jogo de toca e foge durou vários momentos, com Guenhwyvar a atacar e depois a fugir. Por fim, porém, o lobo antecipou-se às esquivas da pantera. Ulgulu agarrou a enorme pantera com as suas mandíbulas maciças. Guenhwyvar contorceu-se e escapou-se, mas aproximou-se da profunda ravina. Ulgulu pairou sobre o felino, bloqueando qualquer escapatória.

Drizzt saiu da gruta quando o grande lobo avançava, empurrando Guenhwyvar para trás. Pequenas pedras escorregavam e caíam para a ravina; as pernas traseiras da pantera escorregavam e voltavam depois a firmar-se, tentando encontrar chão firme. Nem mesmo a poderosa Guenhwyvar seria capaz de resistir ao peso e à força do barghest-lobo, e Drizzt sabia disso.

Viu imediatamente que não conseguiria afastar o grande lobo de Guenhwyvar a tempo. Pegou na estatueta de ónix e lançou-a para perto dos oponentes.

— Vai-te, Guenhwyvar! — comandou.

Guenhwyvar não abandonaria, normalmente, o amigo num momento de tão grande perigo, mas a pantera percebeu o que Drizzt tinha em mente. Ulgulu avançou com toda a força, empurrando Guenhwyvar do sítio com determinação.

Mas daí a um instante, estava apenas a empurrar nuvens de fumo intangível. Ulgulu atirou-se para a frente e agitou-se selvaticamente, atirando mais pedras e a estatueta de ónix para a ravina. Desequilibrado, o lobo não se conseguiu segurar, e depois caiu também.

Os ossos voltaram a estalar, e a pelagem de lobo tornou-se rala; Ulgulu não poderia pôr em acção uma levitação enquanto estivesse na forma de

lobo. Desesperado, o barghest concentrou-se, procurando reverter para a sua forma natural. O focinho de lobo recolheu até ficar um rosto de feições planas. As patas engrossaram e transformaram-se de novo em braços.

Contudo, a criatura semi-reconstituída não conseguiu acabar, abatendo-se na pedra.

Drizzt saiu do trilho diante da ravina e entrou em levitação, descendo lentamente e junto à parede de pedra. Tal como antes já acontecera, o encantamento de levitação terminou antes do habitual. Drizzt tentou agarrar-se e rebolou durante os últimos três metros da queda, parando abruptamente no fundo rochoso. Viu o barghest num estertor a apenas alguns centímetros dele e tentou pôr-se em posição de defesa, mas a escuridão apoderou-se dele.

* * *

Drizzt não podia saber quantas horas tinham passado, quando um rugido estrepitoso o acordou, algum tempo depois. Estava agora escuro e a noite estava enevoada. Lentamente, as recordações do recontro regressaram ao confuso e ferido drow. Para seu alívio, viu que Ulgulu ainda estava caído na pedra ao lado dele, metade duende e metade lobo, e obviamente bem morto.

Um segundo rugido, junto da gruta, fez o drow virar-se para o trilho lá em cima. Lá estava Lagerbottoms, o gigante das montanhas, que regressava de uma expedição de caça e mostrava o seu ultraje pelo espectáculo que encontrara.

Drizzt soube, assim que conseguiu pôr-se em pé, que não poderia lutar outra vez nesse dia. Procurou à sua volta por algum tempo, encontrou a estatueta de ónix, e meteu-a na bolsa. Não estava muito preocupado com Guenhwyvar. Já vira a pantera passar por coisas piores: apanhada na explosão de uma varinha mágica, puxada para o Plano da Terra por um elementar enraivecido, até mesmo caída num lago de ácido borbulhante. A estatueta parecia não ter danos, e Drizzt estava certo de que Guenhwyvar estaria agora a descansar confortavelmente no seu lar astral.

Drizzt, contudo, não se podia dar ao luxo de descansar. O gigante já tinha começado a abrir caminho pela encosta rochosa. Com um olhar final a Ulgulu, saboreou a sensação da vingança, mas esta pouco fazia para diminuir as memórias dilacerantes e amargas dos agricultores chacinados. Partiu, entrando pela floresta das montanhas, fugindo do gigante e da culpa.